

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

PALMEIRA, Vladimir. Vladimir Palmeira (depoimento, 2006). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (2h 34min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Vladimir Palmeira
(depoimento, 2006)**

Rio de Janeiro

2019

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): Alexandre Fortes; Marieta de Moraes Ferreira;

Levantamento de dados: Melissa Lourenço Machado;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Alexandre Fortes; Marieta de Moraes Ferreira;

Técnico de gravação: Alexandre Fortes;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 23/02/2006

Duração: 2h 34min

Outro Áudio: 1;

Entrevista realizada no contexto do projeto Memórias dos fundadores do PT, através do convênio estabelecido entre o Centro Sérgio Buarque de Hollanda - Documentação e Memória Política, da Fundação Perseu Abramo, e o CPDOC, da Fundação Getulio Vargas, a partir de 01 de dezembro de 2004, com o objetivo de constituir acervo digital e de publicar um livro desses depoimentos editados.

Temas: Alagoas; Atuação parlamentar; Bélgica; Comunismo; Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); Cuba; Ditadura; Economia; Educação; Faculdade Nacional de Direito; Família; Governo federal; Governo João Goulart (1961-1964); Governo Luiz Inácio Lula da Silva (2003 - 2010); Leonel Brizola; Literatura; Luiz Inácio Lula da Silva; Movimento estudantil; Movimento Revolucionário 8 de Outubro; Movimento sindical; Partido Democrático Trabalhista - PDT; Partido dos Trabalhadores - PT; Repressão política; Rio de Janeiro (cidade); São Paulo; Senado Federal; Social democracia; Socialismo; União Democrática Nacional;

Sumário

Entrevista: 23/02/2006 Origens familiares em Alagoas; a migração para o Rio de Janeiro; as influências de seu pai como deputado constituinte em 1946 pela União Democrática Nacional (UDN); o retorno à Maceió; o forte contato com a literatura; a participação em uma revista escolar; o início no Movimento Secundarista e a fundação de um Grêmio Escolar; a postura contra o governo João Belchior Marques Goulart e contra o socialismo; os impactos da censura na ditadura militar; a aproximação com a esquerda; a entrada no Grupo dos onze e a defesa da luta armada; o ingresso à Faculdade Nacional de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro; a atuação em um grupo revolucionário; a Dissidência do Partido Comunista da Guanabara; a construção de entidades dentro do movimento estudantil; o processo de revalorização do movimento estudantil; a lei Suplicy em 1965 e os impactos no movimento estudantil; a luta das anuidades na educação pública; a imagem de símbolo da resistência; a direção dos atos conjuntos das diversas faculdades; o massacre da Praia Vermelha; a ruptura do movimento estudantil do Rio de Janeiro; a grande repressão e violência dos militares; a organização da União Metropolitana dos Estudantes (UME); a luta do calabouço em 1966; a expansão da UME em 1967; a atuação como presidente da UME; a UME como entidade de massas; as influências americanas no movimento estudantil brasileiro; um movimento estudantil que se sustentava de forma sindical; a importância do ano de 1968 no mundo; a prisão em 1967 e 1968; o exílio em Cuba e na Bélgica; a transformação da Dissidência no Movimento Revolucionário Oito de Outubro (MR-8); a discussão sobre a abertura política; a convenção de fundação do Partido dos Trabalhadores (PT); sua atuação na fundação formal do PT; a ida à São Paulo; o trabalho como tradutor para a CNPq; a atuação como militante de base; a ida para o Rio de Janeiro e a candidatura ao Senado; os impactos do Governo de Leonel Brizola; os problemas dos Governos do estado do Rio de Janeiro; a experiência como Deputado Federal; a participação como líder do PT; as intervenções da direção nacional do PT nas direções estaduais; os conflitos e aproximações com o Partido Democrático Trabalhista (PDT); a “social democratização” do PT e o afastamento da esquerda; a escolha entre um partido institucional ou um partido de esquerda; os problemas na criação do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL); a atuação do Luiz Inácio Lula da Silva na economia; o Brasil como uma posição de liderança na cena internacional no Governo Lula.

1ª Entrevista: 23/02/2006

M.M. – Nós vamos fazer algumas perguntas que podem parecer óbvias e até que nós, a priori, já sabemos a sua resposta. Só que essa entrevista não é para nós, é para um banco de depoimentos. Isso que eu estava querendo lhe explicar. Isso é para que, daqui a dez anos, as pessoas ouçam essa entrevista e, mesmo que elas não tenham noção dos acontecimentos, elas possam compreender. Então, começamos querendo saber: quando e onde você nasceu, as suas origens familiares e os primeiros anos da sua formação.

V. P. –Eu nasci em 11 de dezembro de 1944. Minha mãe, dona de casa, de uma família tradicional em Alagoas, sobretudo em matéria política, decadente economicamente, a família Malta, e da família Gracindo, que era uma família... menos nobre, [ri] mas que o pai dela era juiz, uma carreira em direito, muito respeitado, e tinha um tio que era uma liderança política, chamava-se Temócrito Gracindo, que tinha sido uma liderança política em Alagoas e Pernambuco. A família de minha mãe implantou uma ditadura em Alagoas, governou Alagoas uns dezoito anos, no início do século XX. A família de meu pai era de plantadores de cana. Às vezes as pessoas confundem, pensando que é usineiro. Sempre me acharam filho de usineiro. Não é verdade. A família de meu pai é típica do Nordeste, das descrições de José Lins do Rego, no livro dele, era uma família decadente de donos de engenho. Eles produziam a cana. Até que chegaram as usinas inglesas e acabaram com a farra implantando usina moderna, para as quais eles não tinha condições de concorrer. Então meu pai foi educado na fazenda, e plantava cana para a usina. Como virou a tradição depois. O engenho morreu, e quem fazia engenho, em geral, virou plantador de cana. Era uma propriedade grande e de propriedade de muita gente da família, então meu pai se educou com mais trinta e três meninos na mesma casa grande. E como família de classe média do Nordeste, um, pelo menos, foi padre, porque o pessoal gostava de botar um padre para garantir a sobrevivência e, eventualmente...

M.M. – Vida eterna.

V. P. –Não, não é vida eterna, não, é garantir a sobrevivência deles. Um era padre, o outro ia para o Exército. Era quase uma tradição. Mas enfim. Meu pai se educou aí. O pai dele era um líder civilista, foi o Rui Barbosa, e era o chefe político da família da minha mãe. Não do Malta. Ele se chamava Miguel Palmeira. Fez oposição aos Malta. Teve uma vida

curta e... Enfim, era, para os padrões da época, um liberal; no bom sentido do termo, naturalmente. Então esse era o ambiente familiar. Mas eu não conheci meus avós. O meu ambiente familiar é o ambiente de alguns parentes distantes. Distantes... primos de segundo grau, primos de primeiro grau. Mas do pessoal mais velho, o contato mais próximo, realmente, era com o administrador da fazenda, que chamava João Sampaio, que era um plantador de cana tradicional. Ele era a pessoa que tinha mais propriedade na fazenda; foi comprando, com o tempo, dos outros parentes empobrecidos, e terminou morrendo velho e solteiro, com um grande pecúlio. Era um homem muito decente, autoritário também e... e uma boa alma. Então João Sampaio era a pessoa mais perto onde nós íamos, quando nós íamos, eventualmente, passar uns tempos na fazenda. Coisa que eu nunca gostei muito. Meus irmãos mais velhos gostavam, eram de outra época; mas na minha época, era coisa desagradável, eu tinha que sair de Maceió, onde eu ia passar férias, porque eu já morava no Rio desde seis anos de idade.

M.M. – Quantos irmãos vocês são?

V. P. –Cinco. Então eu era obrigado a sair de Maceió, onde eu me divertia muito nas férias, para ir para o (Prado). Isso, a partir dos seis anos de idade, quando eu vim para o Rio de Janeiro, em 1951. A minha família é isso. Meu pai já senador... deputado constituinte de 46 pela UDN. Foi político da UDN toda a vida. Depois entrou na Arena. A partir de 54 virou senador. E tinha um destaque em Alagoas. Embora nunca tivesse conseguido o sonho de governar o estado de Alagoas, ele foi senador a vida inteira. Sempre se reelegeu, depois de 54. E era um político liberal da UDN, mais na linha do Prado Kelly, do Milton Campos. A UDN tinha uma linha lacerdista, não é, e tinha uma linha mais liberal. Ele era da linha mais liberal. Um período depois, mais ligado ao Krieger que aos outros; e a pessoas de fora do partido e tal, como Mem de Sá. Bom. E meu pai era assim, um político de direita mas que, em casa, sempre manteve uma democracia muito grande; então, não há nenhum exemplo de coação na minha casa, para a gente ser uma posição política a ou b. Antes de mim, eu tenho um irmão que é um estudioso da questão agrária no Brasil, um antropólogo de respeito, que é o Moacir Palmeira; o Moacir já era de esquerda, e nunca encontrou o menor obstáculo em casa a ter suas posições.

M.M. – Você é dos mais novos.

V. P. –Eu sou o quarto. Moacir é o terceiro. E o mais velho é o Guilherme, que depois virou político de direita quando voltou para Alagoas, depois que papai morreu. Não. Antes mesmo. Ele começou... foi deputado estadual em 76. Ele voltou para Alagoas e decidiu ser deputado estadual. Então... Papai, desse estilo. Mamãe fazia muito mais pressão em cima da gente do que papai, porque papai era um liberal no sentido político do termo; então, enfrentava os demais. Só uma vez ele chegou... umas duas vezes, ele tentou me tirar da militância estudantil, mas sempre por indução, e não por repressão: me oferecendo viagens, a ir estudar fora, estudar na Europa, para ver se me afastava da agitação; e apelando para que eu concluísse meu curso. Enfim. Mas também, ele tinha suas estreitezas, mas eu também era estreito, naquele momento era impossível me afastar de qualquer coisa. E... Não. sequer fazer uma reflexão. Eu tinha como, digamos, um artigo de fé, então... Mas ele sempre foi muito tolerante. Aliás, como toda a minha família. Quando eu fui preso na ditadura militar, todos, sem exceção, foram absolutamente solidários. Então meu pai nunca me visitou na cadeia porque isso era de acordo com suas tradições: no Nordeste, as classe dominantes não gostam de política. Ele nunca deixou a política entrar na casa dele. Procurou manter... Ao mesmo tempo ele era senador da ditadura, não podia ser destrutado. Não tinha uma relação, mas esteve sempre presente, quer dizer, informado quanto a advogado. O resto da minha família toda foi sempre me visitar. Sempre... Quando podiam, porque alguns eram... acho que ainda eram menores. Tinha dois pequenos. Não importa. Eu estudei em Maceió no Colégio Guido de (Francalanza), no início; depois, no Colégio Diocesano, um período, mais tarde. Quando tive doze anos, passei seis meses em Maceió. Mas foi muito rápido. Eu vim com seis anos para o Rio e estudei quase toda minha vida no Colégio Mallet Soares, da dona Stefânia Hellmann. Uma diretora à moda antiga, autoritária, enfim, mas que fazia um colégio de qualidade; mas num estilo que depois eu conheci muito, ao longo da minha vida, estudando, inclusive, em escola pública, de pessoas que fazem as coisas funcionar, freqüentemente, são chamadas de ditatoriais, centralistas. Mas dona Stefânia fazia aquele colégio funcionar. Era um colégio de alta qualidade, e sem ser dos melhores. Não era nenhum colégio de ponta no Rio de Janeiro, era colégio classe média. E eu estudei aí até os doze anos. Em 57 eu passei seis meses em Maceió com a minha tia Cinira; outra figura importante na minha vida, ao lado de minha irmã Nádia, que sempre me sustentaram, me deram muito afeto e compreensão. Passei seis meses em Alagoas e estudei no Colégio Diocesano.

M.M. – E depois você volta.

V. P. –Depois, voltei para o Mallet Soares. Eu fui para lá porque meus pais viajaram e eu não era propriamente um modelo de comportamento familiar, de forma que acharam mais prudente...

M.M. – Te deixar lá, sob a supervisão da tia.

V. P. –Da tia, exatamente. Porque eu gostava muito dela. E então, fiquei lá, voltei, fiz o terceiro ano, aí levei pau. Foi um período conturbado na minha vida, doze, treze anos. Já era para ter repetido no outro, se não tivesse mudado para Maceió. Repeti. E fui transferido para o Colégio Santo Antonio Maria Zacarias. Colégio só de homem. Onde meu pai achava que eu ia me disciplinar, porque eram os padres e tal. Fui para o Zacarias, que era inteiramente diferente para mim, porque eu sempre estudei em colégio misto, com exceção desses seis meses no Diocesano. E, ao contrário, a indisciplina era total. Total. Era uma baderna. Era muito conflituosa. Era uma repressão brutal e uma insubordinação total. Então, por exemplo, eu nunca vi, um amigo, um dia, jogou uma bomba, destruiu um banheiro com uma bomba. Para você ver o nível. No Mallet Soares, o que a gente fazia era matar aula, em geral não criávamos problema. Oprimíamos alguns professores. Como é natural. O professor quando não consegue ter o pulso da escola, os alunos abusam. Mas nada parecido com o que eu encontrei no Zacarias. Ao mesmo tempo...

M.M. – Você, nessa época, já tinha algum interesse por política?

V. P. –Não. Tinha... Não. Eu sempre fui interessado em política. Meu pai foi mais uma vez obrigado a me expulsar, porque ninguém...

FALTA UM PEDAÇO ?

V.P. – Eu lia desde muito cedo então isso... Uma vez o Tenório Cavalcanti visitou minha casa lá em Maceió; meu pai me apresentou ao Tenório e eu disse: “Eu já sei quem é. Não é o bandido?” Aí Tenório ficou muito irritado e perguntou a meu pai se era aquilo que ele ensinava: “Rui, é isso que você ensina ao seu filho?” Eu disse: “Não. Eu leio no jornal.” Então, eu li muito jornal, muito informado, sempre participei desse interesse político, pela política no sentido do termo, mas nunca militei no movimento secundarista; era mais por

timidez, ou por não aceitar... Uma vez, no Santo Antonio Maria Zacarias, um rapaz me chamou para ir a um encontro secundarista, mas disse que eu tinha que votar com ele; eu disse: não vou nada. [risos] Mas meu interesse era pequeno, não era uma coisa grande. Eu passei os dois anos no Santo Antonio Maria Zacarias, eu lia muito literatura, lia poesia, escrevia, evidentemente, poesia, escrevia contos; enfim, eu gostava muito também de literatura, como era próprio da minha época: as pessoas nunca gostavam só de política, tinham uma formação cultural bem diversificada. E eu lia muito. Sempre fui um leitor voraz e li muito, antes dos dez anos, eu lia muita literatura séria, embora continuasse, até os doze, lendo livros infantis também. Mas sempre lendo livros. Então fui formando essa minha bagagem e tal. E quando voltei ao Mallet Soares... Porque, quando acabou o ginásio, eu fui posto de novo no Mallet Soares. E aí, realmente, mudei minha vida porque... já era um rapaz, de novo num colégio misto, realmente você não fazia mais aquelas bobagens que você faz quando tem doze anos; eu tinha quinze. E então entrei, fiz o curso clássico, era um dos melhores alunos da turma, um dos que era mais esforçado em história, português, sempre gostei, é natural, redação... Aquelas coisas que, normalmente, o tipo de aluno que faz política vem associado a esse tipo de formação, pelo menos na minha época. E fiz três anos de clássico. E aí meu irmão Moacir tinha sido diretor de uma revista que nós tínhamos na escola, chamada *A Seiva*. Essa revista tinha sido fundada se não me engano em 51, e era uma revista de cultura, mais para literária, de alta qualidade. Enfim, é difícil você encontrar uma revista, talvez, do nível de *A Seiva* nas outras escolas. Meu irmão estava saindo da... e eu fui chamado para ajudar. E aí ajudei, com os caras que trabalhavam com meu irmão, comecei a entrar na *A Seiva*. Fiz, no primeiro ano, com o pessoal mais antigo, no segundo ano, já tinha mais gente nova, eu promovi; então, chegou em 62, nós fundamos o Centro Cívico Olavo Bilac, o primeiro grêmio da escola. Nesse momento eu era de direita, eu tinha posições similares às de meu pai: liberalismo... udenista liberal, não lacerdistas. Eu fui crítico ao Lacerda e tal. Mas seguia mais ou menos essa linha. Enfim, humanista, defesa dos pobres...

M.M. – Você tinha uma ação crítica do governo Jango?

V.P. – Ah, tinha. Eu era contra o governo Jango. E era, sobretudo, contra o socialismo. Eu brincava muito. Tinha um comunista na minha escola, no Mallet Soares, chamado Sérgio Otero, depois foi funcionário do Senado, e que era primo de outros Otero que estudaram com meu irmão Moacir; e todo dia, eram as polêmicas, eu e ele, ele defendendo Cuba e eu

atacando. Então um dia, ele denunciou que nós éramos democratas de fachada, eu digo: “por que você não escreve um artigo?”. E ele escreveu um artigo defendendo Cuba. Eu escrevi um artigo atacando Cuba.

M.M. – Nessa revista.

V.P. – Nessa revista. E a diretora fechou a revista. Porque não permitiu que o artigo defendendo Cuba saísse. Nós ficamos indignados. E nos insubordinamos e não aceitamos a censura. Então a revista ficou lá, encalhada. Ganhamos a solidariedade de alguns professores. Havia professores que nos ajudavam muito. Em particular o professor Bustamante, que era meu professor de latim e, eventualmente, português, que era a pessoa que mais ajudava o nosso movimento. Era um juscelinista, não era nenhum radical, nenhum esquerdista, mas um livre pensador. E o professor Almir, que era o professor de geografia, que durante muitos anos continuou no Mallet Soares. Professor Bustamante morreu enquanto eu estava no exílio. A ele eu sou muito grato. Inclusive, ele deu assistência a minha família, quando eu fui preso em 68. Já muito tempo depois, não é. Eu saí da escola em 63. Professor Bustamante foi uma pessoa muito digna. E eu fiquei amigo da filha dele, visitei, quando voltei do exílio, mais de uma vez, a sua viúva. Mas depois a vida vai...

M.M. – Por outros caminhos.

V. P. – Por outros caminhos. Então... Esses dois professores nos sustentaram. E a revista não apareceu mais. Nós não queríamos fazer a revista censurada. E criamos o Centro Cívico Olavo Bilac, do qual participavam pessoas mais à esquerda do que eu como Gilberto (Povina) Cavalcanti, que depois foi... trabalhou no governo Moreira Franco, se não me engano foi presidente do Metrô... advogado do Metrô. Advogado do Metrô. Gilberto era o mais radical. Nós tínhamos um outro amigo que era o Daniel Aarão Reis, que... enfim, é meu companheiro há muito tempo. Daniel era mais à esquerda que nós todos. E seu irmão Samuel, com quem conversávamos antes. Então, isso aí, fomos formando um grupo. Nós tínhamos por lá, se conhecia o frei Beto também, que andava por ali, na General Glicério, que era a rua onde morava o Gilberto Povina...

M.M. – Você morava onde?

V.P. – Eu morava na Praia do Flamengo. Depois morei... Eu morei em muitos lugares. Quando eu vim para o Rio morava na Nossa Senhora de Copacabana. Depois morei na

Constant Ramos; depois, morei na Domingos Ferreira muitos anos. Quando meu pai virou senador, se não me engano em 57, aí nos mudamos para a Praia do Flamengo. Ele comprou um apartamento na Praia do Flamengo. Um belo apartamento, enorme. Ficava no alto. No bloco B mas com vista para o mar. E em 63 nós mudamos para a Lagoa, aquela rua Almirante Guillobel, em cima da Fonte da Saudade. Apartamento bem menor, mas também com uma vista linda. Então... Eu tive... Formamos esse centro cívico. Por diversas partes, tinha contato com a esquerda e tal; mas esse episódio da *Seiva* me levou a questionar mais a hipocrisia da democracia oficial, da burguesa. Então... E aí, ao mesmo tempo, entrei numa ruptura cultural, por volta de 62, porque os nossos pais nos ensinavam coisas que não aplicavam. E é um conflito que não tem nada de específico meu, milhares de pessoas tinham esses conflitos. Então... Isso se via, por exemplo, na discriminação racial: minha mãe tratava muito pior os meus amigos negros, em geral pobres também. E eu não aceitava que fizesse isso. A gente brincava com ela, brincava. Um tempo eu joguei futebol de salão, levava muitos amigos meus lá em casa, e ela tratava de forma muito diferenciada. Os valores da igualdade não eram respeitados. Quando você via de uma forma imparcial uma questão de certos valores que eles defendiam eram colocados, a prática, nós víamos que esses valores não eram de fato defendidos, eram mais parte de um discurso de ocultamento do que o discurso de verdade. Então foi criando uma contradição, mais as discussões tradicionais sobre Deus, existência ou não de Deus, nós começamos a criar... Eu fui evoluindo para a esquerda; e em 63 eu já era de esquerda. E quando fui para a esquerda, eu fui inteiramente, então... Eu não defendia, exatamente, o governo Jango. Eu entrei no Grupo dos Onze, defendi a luta armada e...

M.M. – Ah, você já entrou... Circulando mais para o lado Brizola.

V.P. – É. Não achava que a burguesia nacional... Eu gostava... Eu era muito mais ligado ao Arrais. Julião, Arrais. Mais ou menos por aquele lado ali, porque tinha... Mas entrei no Grupo dos Onze. O discurso do Brizola... Eu gostava muito do Arrais, porque fez. Arrais tinha aquela lei, que mudou muita gente em Pernambuco, então... Ele era uma (legenda) em Pernambuco. Então... Mas eu era nessa faixa, Brizola, Arrais, crítica ao Jango, crítica às posições que eu comecei a descobrir que eram do Partido Comunista. E aí, inclusive, o pessoal do Partido dizia: “você tem as posições da AP”, da Ação Popular, que era a grande organização católica da época, católica de esquerda. Mas não tinha. Nunca tinha

muito bem o pessoal da AP. Então... pronto, 63, acabei meu curso, me formei, entrei na faculdade. Em 31 de março veio o golpe...

M.M. – E como é que foi essa opção pelo direito?

V.P. – De criança. Eu quando era menino...

M.M. – Você nunca pensou em fazer ciências sociais, história?

V.P. – Não. Não. Eu sempre pensei em fazer direito ou literatura. Eu vacilei um pouco com literatura. Mas direito era mais ligado a política, então direito me atraiu, também por isso. As escolas de Direito eram escolas mais militantes. Mas eu, desde cedo, quis ser criminalista, quis ser advogado e advogado criminalista, sempre quis ir para júri. Então fiz o direito, sem... Entrei na Escola de Direito. Passei no CACO e lá fiquei. No primeiro ano, não militava no movimento estudantil, e entrei num grupo revolucionário; que era um conjunto de pessoas de diversos partidos. Esse grupo se formou ali. Meu irmão estava, me chamou e eu fui. E existiu durante um ano, um ano e meio, por aí. E faziam panfletagem na cidade...

M.M. – Contra a ditadura.

V.P. – Contra a ditadura.

A. F. – Um grupo localizado, sem nenhuma relação orgânica com nada.

V.P. – É. Tentava-se. Tentava-se. Mas estava tudo quebrado, não é. E eles, inclusive, tinham ramificações no movimento estudantil. No congresso da UNE, eles tinham contatos, entendeu. Depois tinha contato com um cara, que na época se mexia muito, chamado Aaron. Aaron se mexia muito. Um cara já mais coroa, não é, para os padrões da época. Eu não sei dizer, porque, naquela época, para mim, velho era... qualquer coisa que tivesse um fio de cabelo branco já era... Não sei localizar muito. Mas o Aaron era um danado, organizava, vivia organizando coisa e tal. Depois, nos anos 70, entrou para o Hari Krishna, não é, fez uma opção de outro nível. Então, nós tínhamos esse contato. Eu fui, por exemplo, em 65, falar com os estudantes de São Paulo, da Escola de Filosofia, em contato com esses grupos, mas...

M.M. – Nesse tempo você não tinha nenhuma vinculação partidária.

V.P. – Não. Tinha de tudo. Tinha gente do PC, gente da AP, da POLOP. Desgarrados. Quando as organizações começaram a se constituir, aumentou a luta interna nesse grupo; eu

não era da direção, então eu recrutei um monte de jovens, amigos meus e tal, e... Mas tudo isso... Quando acabou... Eles brigaram lá em cima, aparentemente, pela velha diferença. Mas nós já estávamos pensando em fazer raiva, em fabricar bombas e não sei o quê... mas aí dissolveu-se. De forma que eu voltei para a faculdade. Eu tinha recebido, no primeiro ano da faculdade, o pedido para ser representante de turma. Mas eu não quis. Então, no segundo ano, participei mais, o pessoal da Dissidência do Partido Comunista, que estava no Partido Comunista, me chamou para entrar no Partido Comunista para destruí-lo e criar um partido revolucionário. E eu entrei. E pronto. Enfim, entrei, fui membro da Dissidência Comunista da Guanabara. Fui da direção, mais tarde fui secretário. E fiz lá uns negócios. Secretário político do núcleo, quando estava no Partidão. Depois, rachamos. Quando rachamos, eu tive um papel ao lado do pessoal mais antigo; na verdade, a liderança que eu apoiava lá era Sérgio Campos, que hoje é professor na PUC, tinha sido um cara militante na Filosofia; havia outro destaque na época, também, que era um cara mais à direita, era o Lincoln Vigário (Roque), que foi assassinado pela ditadura. Pelo PC do B. Ou seja, entrou no PC do B. Sérgio Campos está vivo ainda. Camarada. Vejo de vez em quando. Sérgio Campos era uma liderança. Nós éramos a ala esquerda na Dissidência. E o Sérgio Campos era a nossa grande liderança. Fomos com ele. Rachamos com o Partidão no segundo semestre e criamos, enfim, a Dissidência Comunista da Guanabara. Não criamos. Fomos sobrevivendo, enquanto procurávamos um caminho para a esquerda nacional. Essa foi a minha trajetória orgânica. Essa Dissidência Comunista da Guanabara partiu em quatro em 67. Eu fiquei na parte oficial. E eu e Daniel Aarão Reis, que éramos da liderança de massa, não aceitamos as posições mais fortes; um queria fazer o foco do Debret e outro queria formar um partido, pelo PCBR, nós fizemos uma corrente lá – nem foco nem burocracia; partido e luta armada – e nos mantivemos como grupo. Até que eu fui preso em 68.

M.M. – Mas foi muito rápida essa sua ascensão como um líder, que vai ter uma presença diante do público.

V. P. – Não. Não. Imagine. Se eu fosse operário, eu não teria. Foi muito rápida porque o movimento estudantil é um movimento muito curto, de alta rotatividade. Então, o movimento estudantil tinha uma liderança tradicional, que foi... enfim, punida, foi marginalizada, e ao mesmo tempo se associava muito com o Jango. E o pessoal novo não queria isso. Então eu fui parte de um processo social que estava ali, de uma oposição tipo

radical. Começou uma posição muito estreita, porque nós queríamos fazer tudo o que o Partidão não fez. Porque nós reconhecíamos que o Partidão entregou a rapadura em 64. Então... por exemplo, não pegou em armas, não resistiu, não tinha organização própria, confiava na organização da chamada burguesia nacional, que por sua vez não organizava coisa nenhuma, e na hora H não fez luta nenhuma. Aquelas coisas tradicionais. Então nós queríamos fazer o que o Partidão não fez; e caímos no erro de fazer o contrário do Partidão. Não chegava a ser uma linha política. Com o tempo, a partir de 66, nós descobrimos que não bastava fazer o que o Partidão não fizera, mesmo porque aquilo ali era um outro tempo. Então começamos a mudar. Sobretudo quanto ao movimento estudantil. O movimento estudantil, que é onde nós tínhamos raiz, uma marca, nós abandonamos o esquerdismo em 66. Até 66 nós éramos esquerdistas. O que era o padrão esquerdista do movimento estudantil? Era desprezar a massa estudantil como pequena burguesa e entrar ali, seja, como a POLOP, para ganhar lideranças para a revolução, seja como a AP e outros, que a posição era usar o movimento estudantil para ver se pegava fogo no conjunto da sociedade. Em 66 é que nós chegamos à conclusão que o movimento estudantil tinha um valor em si mesmo e que tinha que ser respeitado. E nós passamos a construir entidades, que não eram mais capas dos partidos políticos, mas entidades representativas dos estudantes. Claro que isso não é da noite para o dia, isso é um processo, que culmina, a meu ver, em 67, no congresso de Valinhos, quando nós defendemos isso. E se você quiser, é um exagero, eu digo quanto ao congresso, porque, depois, há um conselho em dezembro e finalmente um conselho em abril, se não me engano, de 68, em Salvador, onde essa tendência se afirma definitivamente. Mas já em dezembro, dezembro de 67, nós tiramos como centro tático, não a luta contra a ditadura militar, mas a luta contra a política educacional do governo; enquanto que a AP defendia como centro tático a luta pela derrubada da ditadura militar. E nós compreendíamos que nós tínhamos que ter um centro do movimento estudantil. Então já era, aí, uma posição digamos feita, consagrada. Em 67, nós tínhamos feito um processo de autocrítica; que, infelizmente, não levamos isso para outras posições, de uma forma tão perfeita. A exemplo, nós recusávamos o foco. Era um passo. Naquele clima, que todo mundo queria ser foquista, nós defendíamos o movimento de massa; nós achávamos que a violência só valia se você fizesse popularmente, depois de um longo processo de luta. E então... Mas, mesmo assim, nós não conseguimos estabelecer uma política diferente. Por isso, adiante, o meu grupo vai aderir ao foquismo. Não ao foquismo, vai aderir ao militarismo, como a gente chamou. Porque no

final, nunca conseguiram fazer foco no Brasil, ficaram assaltando banco, assaltando banco; assaltando banco até fenecer. E o meu pessoal, quando aderiu, aderiu por uma pressão muito grande, não tinha mais caminhos, não é. O que mostra que nós tínhamos ainda uma visão insuficiente, do ponto de vista nacional. Nossa visão era boa, digamos assim, mas boa só muito doutrinariamente, não tinha uma estratégia determinada; e por isso, também, terminou. E eu estava preso, o pessoal foi dragado pela pressão, segundo Daniel Aarão Reis. Na verdade, já 68, o Daniel e o Franklin Martins estavam querendo pegar em armas; e quem resistia era eu. Quando eu fui preso, o caminho se abriu, Daniel e o Franklin puxaram a Dissidência para o caminho das ações. Eles tiram esse documento em abril de 69, já militarista, mas um militarismo envergonhado, porque tinha uma certa questão de massa; mas na verdade já faziam ação desde 68. Assim que eu fui preso, eles começaram a preparar ações de assalto a banco.

M.M. – Voltando um pouquinho. A sua escolha e eleição para a UME está nesse contexto de revalorização do movimento estudantil.

V.P. – Pois é. Mas é que as duas coisas não são sempre iguais. Mas como nós entramos pelo rumo da esquerda, eu comecei a militar no movimento estudantil mas eu era capa preta. Então, quando chegou no terceiro ano, ninguém sabia quem eu era. É certo que todo mundo que fazia o movimento sabia quem eu era, mas muita gente na minha turma... Minha turma era enorme. Quer dizer, o meu ano, nessa altura em 66, era o terceiro ano, a turma mais forte, mais poderosa; o primeiro ano, em 64, entraram na escola novecentos e cinqüenta estudantes. Foi um recorde. A luta dos excedentes foi um... Então era uma turma muito poderosa. E a minha turma, a noturna, era a maior dela. E eu era bom aluno. Ao contrário da maioria dos caras da esquerda, eu era bom aluno, só passava por média e assistia aula. Claro que, de vez em quando, eu ia no barzinho defronte. Nós tínhamos um bar defronte da escola que antes de 64 chamava *La Jeunesse*, pelo menos na linguagem do movimento. Eu não sei qual era o nome mesmo do botequim. E depois de 64 o botequim passou a chamar *Uruguai*, porque era lá onde o pessoal suspenso ficava, conversava. Então era o exílio. Esse botequim, que era *Uruguai*, às vezes, freqüentávamos ele antes da aula, às vezes no intervalo da aula; mas tinha uma turma que, digamos, que era mais à esquerda, ia muito ao Paissandu, todo dia, quase não assistia à aula, ia no botequim. Eu não, eu assistia à aula. Então, por isso, eu era muito... digamos entre aspas, mais popular, muito conhecido na

minha sala de aula e respeitado pelo estudante. Bom. E eu fazia trabalho de direção. O pessoal da Dissidência e da AP, nós fazíamos comitês para dirigir as manifestações. Porque a situação impunha à gente um desdobramento: uma liderança clandestina e uma liderança aberta. Por quê? Porque a liderança clandestina tem que ver quando acabava a manifestação. Parece incrível mas... por quê? Porque às vezes a polícia chegava. Então você tinha que ter uma liderança acima das lideranças de massa. A liderança de massa, ela tinha o contato político, mas tinha outros elementos que ela não podia dominar. E nós então, na verdade, fazíamos uma direção que entrava na política também, mas com uma grande flexibilidade. Os líderes de massa que nós tínhamos eram líderes de massa pré 64; então, não havia uma nova liderança nossa, praticamente. Na verdade, nós tínhamos dois nomes mais novos, que era o Valter (Peres), que foi presidente do CACO depois de mim, e o Antonio Serra, que ocupa um cargo de destaque, hoje, na UFF. Ele é da comunicação, Antonio Serra. Era uma bela liderança de massa. Então o Serra... Esses eram os outros caras. Quando não tinha esses caras, nós tínhamos oradores tradicionais, com uma linha política bem diferente da nossa. A gente tinha que cercar... O Sérgio Márcio Reis, que era, talvez, a figura mais brilhante dessa geração nossa de dissidentes lá na Faculdade Nacional de Direito – e que depois virou jornalista, trabalha de vez em quando em novela para a Globo, inclusive nos *Anos Rebeldes* –, ele convencia os caras mais antigos. Eu era mais antigo também, fazia um certo esforço... Mas era difícil. Então nós tínhamos um bom trabalho. Mas eu, em geral, ia para as comissões que dirigiam os atos. Então, num dia desses, prendeu... o reitor, que não era burro, que era o Hélio Gomes, que era um fascista, ele suspendeu o Antonio Serra, que era o presidente do nosso centro acadêmico, e ao mesmo tempo Valter (Peres), que seria o sucessor. E nós não tínhamos nova liderança. Eu, então, fui obrigado a falar em público. Eu já falava em público, mas falava expondo coisas, com maior... prudente, exposição sobre coisas que eu conhecia. Nós tínhamos um problema na escola. Em 65 foi aprovada a lei Suplicy, que impedia participação política dos centros acadêmicos. Nós então, como éramos esquerdistas, decidimos não concorrer às eleições oficiais e criamos o CACO Livre. Ora, isso era tudo o que a direita queria. A direita concorreu, não teve maioria, mas ocupou, ocupou o centro acadêmico oficial. Então, tinha o CACO oficial e o CACO Livre. Nós demos à direita um instrumento de aglutinação. Se bem que, na nossa faculdade, sempre houve dois partidos, a ALA – Ação Libertadora Acadêmica, que era um partido de direita, e o Movimento de Reforma, que era o nosso partido, de esquerda. Então a direita não era completamente

desorganizada. Mas, ganhou o Centro Acadêmico, com o dinheiro que o reitor, o diretor dava, abriu o espaço, começou a fazer funcionar (). Até lá, tudo estava fechado. Até 66, tudo fechado. Abriu isso, abriu a gráfica para fazer apostila, deu um certo poder a eles, então a direita teve um *revival* lá na escola. Então nós decidimos, em 66, ganhar o CACO de novo. Vimos que tínhamos feito uma besteira. Claro que a gente não aceitava isso; mas a verdade era isso. Não disse que era uma besteira. Vamos tirar a direita do CACO oficial. E então o reitor, o que é que fez? Suspendeu o presidente do CACO Livre e suspendeu o (Beto), que seria o nosso candidato. Então, um dia, eu estava dirigindo um ato lá embaixo, eu com Jorge Eduardo (Taveda) Durão – ainda hoje... (), foi do Conselho Social no tempo do Lula aí, no... antes de sair; disse que saiu depois do... em protesto e tal. Jorge Eduardo e eu. Jorge Eduardo veio me chamar, lá de cima, e disse: “Olha, está um desastre a reunião.” Jorge Eduardo também não falava. “Só estamos falando de solidariedade aos políticos. Que pena. O curso. Não tem nada político. Está uma desgraça.” Aí me chamou. Aí eu fui lá para cima; abandonei, que eu estava lá vendo a parte policial, subi. Quando subi, estava acabando a reunião. E eu, desesperado, (porque eu ia dar orientação a um cabra dos antigos para falar) eu aí, não deixei acabar, e comecei a falar. Pronto. Aí falei, de forma exaltada, pronto. O pessoal gostou...

M.M. – Aí tomou o gosto.

V.P. – Não, não. O pessoal gostou. A surpresa foi essa. [ri] Eu gostava de falar. Antes, um mês antes, estávamos reunidos... reunidos... na Central do Brasil, eu, o Antonio Serra, que era o nosso presidente, e o Sérgio Matos dos Reis. E eu e o Sérgio Matos éramos capa preta. Os dois eram secretários, dirigentes da Dissidência, lá no CACO. E conversando, o Serra dizia que o sonho dele era ser capa preta, que ele não gostava de ser líder de massa. E ele, olhe, realmente, o Serra, era um cara que dizia muito, um excelente orador. E eu e o Sérgio, “pois o nosso sonho é ser um líder de massa”. Que é o contrário. E estamos condenados a ser capas pretas aqui. Então, eu meio que transformo... Porque não era que eu me sentisse... Eu me senti foi bem. Mas o problema era... ninguém esperava que... Eu nunca falei. Então, de repente, falei... E aí nós tiramos uma política, na Dissidência, de todos os militantes da Dissidência falarem. Começamos isso, a dar aviso, todo mundo era obrigado a falar. Era um horror. E eu sempre fui um cara muito agressivo, então eu assustava os estudantes. Eu entrava, me impunha um pouco meio... O Daniel era um cara mais hábil. Então o Daniel,

provavelmente, era o nome indicado, por essas características, para ser o presidente do CACO. Porque ficou entre eu e ele. Eu apoiava ele, ele me apoiava. Mas o pessoal da AP... A gente escolhia isso num grupo de esquerda. Não pequeno. Umas trinta, trinta e cinco, quarenta pessoas, sei lá. Um grupo mais amplo. E eles me escolheram, porque achavam que eu tinha posições mais definidas, na luta interna, para rachar com o Partidão. Não tinha nada que ver com questão de liderança de massa. E eu então fui indicado para a presidência do CACO. Fiz um debate com um cara da direita que assustava meio mundo. Depois, virou deputado estadual. Já me deram o nome dele, mas eu esqueci. Mas foi um deputado aí, conhecido, aqui no Rio. E ele começou a desafiar. Sabendo que nós não tínhamos gente, começou a desafiar o candidato nosso para um debate e tal. Então a escola patrocinou. O reitor tinha interesse, achava que nós íamos ser esmagados, que não tínhamos quadros. E ele saía com uma bolsa e dizia que eu estava inscrito na UDN sob o número 5.535. Uma mentira. Porque meu pai era da UDN... E esse, a direita do CACO, era lacerdista, então fazia oposição ao governo Castello Branco. Então ele começou a dizer... Qual era a tática dele? Dizer que eu era ligado ao regime. Bom. Daniel era sobrinho de almirante, não é. Então, nós estávamos lá, realmente... se fosse ver o...

M.M. – As origens familiares.

V.P. – As origens, nós estávamos mal colocados. Aí o... Então fizeram o debate. E, ao contrário do que eles esperavam, o rapaz sofreu uma derrota profunda no debate. E aí, pronto, eu saí carregado do debate, o pessoal vibrou, ganhou energia; e eu ganhei com tranquilidade as eleições. Mas ganhei muito, também, porque era bom estudante. Minha turma me reconhecia como tal. Era a maior turma da faculdade. Mas não durei um mês. Nós estávamos lutando contra o não pagamento das anuidades, que era uma luta suicida, a gente não sabia ainda. Em um mês nós fomos devastados. Porque eu ganhei muita liderança, ganhei liderança estadual...

M.M. – O que era a luta das anuidades?

V.P. – Eles cobravam um pagamento. A escola pública ia começar a ser paga. Como acontece de vez em quando, a cada dez anos, voltam com esse projeto. E no início, ele dizia: não, só vai pagar... de fato, é como uma matrícula. É uma vez ao ano e é pouca coisa. Mas nós sabíamos que ali era o princípio. Na medida em que os estudantes comessem a pagar, não ia parar ali, ia virar uma mensalidade. E sabíamos que esse era o plano de reforma

baseado lá no MEC – Usaid dos americanos e tal. Então nós combatíamos. Mas só que o Brasil estava (). Até ali o Brasil, praticamente, não tinha nem sistema financeiro. Ele (começa) com a ditadura militar. Nós conseguimos que os estudantes não pagassem. Mas boa parte dos estudantes que estavam ali lutando, os pais pagaram, por via bancária. Então um dia, chegamos e vimos a lista do pagamento: oitenta por cento dos pais tinham pago. Quer dizer, nós não íamos deixar vinte por cento dos estudantes pagarem o pato. Então recuamos. Mas muita gente que não estava no dia, como tinha recebido a segurança da gente de que nós não íamos recuar, ficou muito irritada conosco. Foi uma derrota muito séria. Uma choradeira, uma coisa. Foi triste. Enfim. (Tivemos) um verdadeiro () Mas, até hoje... enfim, eu reconheço que foi muito (justo). Quer dizer, eu nunca tive medo de recuar. Então... eu acho que essa é uma qualidade. Eu recuei. Se a gente fosse para o confronto, nós íamos ser dizimados, perder completamente o respeito; nós mesmos íamos nos desarticular. Não tinha saída. Bom. Mas foi uma derrota. Mas, curiosamente, quanto mais isolado eu fiquei no CACO, mais líder me tornei fora do CACO, porque virei um certo símbolo de resistência. E então comecei a ser a pessoa escolhida para dirigir os atos conjuntos das diversas faculdades. Fui suspenso por um ano, fomos reprimidos, tinha também esse aspecto e tal. O fato é que, nos atos, eles começaram a me colocar. O Daniel Aarão Reis era o meu vice-presidente. E a partir daí nós... Ainda estávamos em (viabilidade) em outros lugares, outras escolas. Nós tínhamos tido luta na Arquitetura, na Medicina. E isso tudo desaguou numa luta na Escola de Medicina. Agora, o jornal da UFRJ vai ter uma edição, ele está...inclusive, o calendário é sobre 66, sobre a ocupação da Faculdade de Medicina. A UFRJ está fazendo isso, está tirando um jornal, uma matéria. Então o... Nós terminamos a manifestação, que eu não estava nem muito ligado. Ocuparam o prédio da Medicina para dialogar com o reitor, eram, basicamente, estudantes de medicina mesmo, e eu fui dirigir as assembléias. Mas dessa vez...

M.M. – Lá na Praia Vermelha.

V.P. – Lá na Praia Vermelha. Mas sem saber muito... Não tinha nem o tom. Eu cheguei no meio, me botaram para liderar, para coordenar. Havia um comando que determinava tudo. E de fato, nessa, eu estou inocente, o comando decidiu ficar, ocupar. Eu não era a favor dessa idéia. Mas também não fiz muita força contra. Eu ficava ali, não tinha tempo de parar muito tempo para... O comando decidiu ficar. Foi um erro, como se verificou depois. E nós, depois de muita negociação, muita disposição, também, de luta, muita gente com discurso

radical, dizendo que iam resistir, e depois não resistiram... Mas a polícia fez uma armadilha... Tinha uma comissão de paz de políticos, que foi lá dialogar conosco, às três horas da manhã. Quando nós íamos votar se ficávamos ou não, a polícia invadiu. Invadiu, foi... o que se chamou o massacre da Praia Vermelha, que marca um momento de ruptura, realmente, no movimento estudantil do Rio. O pessoal foi muito espancado, falam mesmo em moças que foram violentadas com cassetetes. Nós descemos três andares de corredor polonês. Essa massa que participou, da Medicina, nunca mais voltou. Quem ficou fazendo movimento estudantil até aí virou vanguarda. Essa massa só voltou a ir à rua na passeata dos cem mil, que era uma passeata legal. Nunca mais participou do movimento estudantil. Foi uma paulada; e mais um elemento para nossa reflexão sobre o movimento estudantil, que nós tínhamos que mudar os critérios de movimento estudantil. Essa massa existia, tinha vontade própria, tinha papel próprio, histórico; nós não podíamos tratá-la de uma forma qualquer. Então, a Medicina, foi um desastre a ocupação da Medicina. Uma repressão brutal. Chovia, os soldados estavam bêbados, drogados, não tinha... estimulados, mesmo, por seus oficiais, de forma que bateram demais. Agora a repressão, muito despreparada, não conseguiu me prender; prendiam os barbudinhos. Aquelas imagens que eles tinham do jovem rebelde na época: cabeludo e barbado e tal. Então esse é o segundo marco de massa. Nós começamos o ano de 66 com uma manifestação em solidariedade aos estudantes mineiros, numa manifestação de alguns, talvez, cerca de cinco mil estudantes. Com muita gente. Foi a maior manifestação que a gente tinha feito até então. Manifestação de massa, a primeira. Evolui para uma luta contra o pagamento das anuidades, desembocou nesse massacre da Praia Vermelha. Nós já tínhamos, nessa altura, passeatas pelo Centro, já andávamos na contramão, que é uma idéia da massa, não é de ninguém também. Boa parte das idéias de 68, como se mexer, como lutar, como fazer, são coisas espontâneas, que a massa vinha fazendo. E eu sei por que, na primeira passeata, em 66, eu era capa preta. E, enquanto a gente discutia o que fazer da manifestação, a manifestação saiu. E eu, no final, tive que fazer discurso, pedindo para o pessoal não atacar o Ministério da Guerra... Sempre tinha uns doidos que queriam ir lá atacar o Ministério da Guerra. Acho que era um sonho de todo cara de esquerda, era que um dia ele ia ocupar aquele Ministério. Então a gente, para desviar aquele negócio, para dizer que a gente tinha tido uma vitória política, que a passeata tinha sido um sucesso... E eu também, aí, antes de falar na escola, falei na rua. Fui obrigado a assumir porque não tinha nenhuma coordenação, a gente não achava ninguém; os comandos, os escalões intermediários

não existiam. Então... Bom. Faz parte, também, da história do ano de 66. Então, essa parte do movimento de massa, nós chegamos à Medicina e daí fomos organizar a União Metropolitana dos Estudantes. Reorganizamos a UME no segundo semestre e elegemos Daniel Aarão Reis presidente. Com meu apelo, Daniel não queria de jeito nenhum também mas, afinal, foi. E o Daniel fez um trabalho excepcional na UME, ao lado de outras pessoas: o Cláudio, um gaúcho, que depois teve um papel destacado nas ações armadas, o Luís Eduardo, da PUC, que hoje é um renomado psiquiatra em Paris, a Nadja de Oliveira, que era das escolas independentes que o Daniel começou a organizar, que era filha do deputado Guilhermino de Oliveira. O irmão dela é dirigente do PT e ela, se não me engano, é vereadora lá em Apim, a terra deles, lá em Minas Gerais. E fizeram um trabalho muito bom. E eu fiquei suspenso na escola, ajudava um... Nesse intervalo aparece a luta do Calabouço, em 66. O Daniel sempre apoiou a luta do Calabouço, eu sempre apoiei. Nós tivemos então, em 67, um momento de refluxo do movimento de massa; e a UME foi fazer o quê, além do que já era organizado? Porque o DCE continuou funcionando, era um órgão legal. A UME começou a organizar o que não estava organizado. Entrou mais na UERJ, entrou um pouquinho na PUC, entrou nas escolas independentes e entrou na Universidade Rural. As grandes manifestações universitárias de 67 são feitas pela Universidade Rural. E as maiores manifestações são feitas pelo Calabouço. Foi a luta do Calabouço que marcou o ano de 67. Onde eu e Daniel estávamos sempre presentes porque tínhamos virado lideranças universitárias. E o Calabouço, ele pediu ingresso na UNE. Acho que o Calabouço sempre, também, tinha uma certa esperança de ter um espaço maior. Não teve, aí que, depois, entrou na AMES. Então o Calabouço jogava nas duas pontas, ora entrava nos secundaristas, ora nos universitários. Mas, de fato, tinha uma grande liderança, que era o Elinor Brito, que era o maior líder, realmente, do Calabouço, grande líder de massa dele. E o Brito, inclusive, terminou entrando no PCBR. Nós não sabíamos como, porque achávamos que o Brito era um cara politicamente moderado, embora radical nas formas de luta. O pessoal do Calabouço se destacava porque, em qualquer coisa, se eu deixasse, eles batiam nos Volkswagen da classe média. A gente: a classe média não é inimiga, não faça isso. Eles eram mais de classe média baixa, bastante revoltados, levavam uns cacetes deste tamanho com uma bandeirinha brasileira, bem pequenininha, na ponta. Enfim, eram muito ativos e tal, e tiveram um papel de destaque. Então, 67 é feito por isso; reorganização, nós começamos a nos juntar nacionalmente com as outras dissidências, começamos a quebrar o Partidão em todo o Brasil, mas sem potencial de

organização. Nós não tínhamos condições de liderar uma organização nacional. Então, nós conseguimos fazer o quê? Juntar todas as dissidências, ou as mais importantes, em torno de uma visão comum de movimento estudantil. Isso é surpreendente. O pessoal de São Paulo era foquista, o pessoal do estado do Rio também, em Niterói; a Guanabara é que era massista, como o do Rio Grande do Sul. Mas, no movimento estudantil, nós conseguimos ter uma tática comum contra a AP. Nós conseguimos isso, avançamos, praticamente ganhamos o congresso de 67. Éramos maioria. Sempre tinha aliança. Mas a POLOP Ala Vermelha ficava ali no meio, negociando, sobretudo, cargos. Eu me lembro que a POLOP tinha muito pouca densidade no movimento de massa, mas dizia que ela tinha que ter o mesmo número que nós e de que a AP de dirigentes na UME pela qualidade ideológica dela. [risos] Como nós... Quem tinha mais () da POLOP, nós tínhamos que dar uns três cargos para a POLOP para poder ter hegemonia na entidade. Não havia votação direta, não é. Então... Nós ganhamos as principais teses no congresso de 67; mas perdemos a presidência por seis votos; inclusive com gente que saiu antes, que achou que o conchavo estava demorando demais, gente se retirou; inclusive no nosso estado, houve delegados que voltaram. Eu tenho a impressão que nós devíamos ter ganho, com Daniel, que era o nosso candidato. E eu fiz um acordo com a minha organização, com a Dissidência: se o Daniel fosse eleito, eu ia para o movimento operário, que era o sonho de todo socialista. Mas Daniel perdeu. Eu encaminhei Daniel, fiz tudo, suei sangue para ver se elegia o Daniel, porque eu não queria ficar no movimento estudantil; mas não consegui. Perdeu por seis votos. E eu tinha o compromisso que, se o Daniel perdesse, eu assumiria a UME no lugar dele. E foi isso que se deu. Quer dizer, eu virei o dirigente dos cem mil e das lutas por acaso, porque, normalmente, não teria sido eu, teria sido, propriamente, o Jacques, que era da Arquitetura. Então... É isso. 67 foi assim. E eu fui eleito presidente da UME. Tratei de reestruturar a UME. Mas na verdade aquilo já era uma brigalhada muito séria. Então o pessoal, por exemplo, do Calabouço se retirou, o pessoal do PCBR boicotava, e nós tivemos que refazer a UME do nada, cooptando. É uma linguagem comum. Eu, agora, fazendo o meu doutorado sobre o (Enes) Lima, vi muita polêmica sobre a cooptação. Quer dizer, a direção, por conta própria, agrega a si novos elementos. Em lutas clandestinas, isso é essencial, porque senão as coisas não funcionam, não tem mecanismo democrático suficiente para garantir em eleger, a cada vez, uma nova direção. Mas o fato é que nós cooptamos. Por exemplo, quando chega em 68, dos cinco dirigentes da UME, acho que só eu tinha sido eleito, no congresso de 67. Outros: Franklin

Martins, foi cooptado, Cid Benjamin, foi cooptado. Eu tenho a impressão, não tenho certeza, que a moça, também, da POLOP, que estava com a gente, foi cooptada. E finalmente o (Belvedere), que era da EBA, que antes foi ENBA – Escola Nacional de Belas-Artes. O (Belvedere) virou depois militante de extrema-esquerda. Eu o reencontrei no PT. Mas... De uma dessas organizações do trabalho ou coisa parecida. Nós todos, a maioria deles tinha sido cooptado. A estrutura eletiva, em 67, não funcionou. Mesmo assim nós conseguimos fazer um trabalho muito bom na UME. O Daniel me entregou a UME com vinte e sete escolas; quando nós chegamos em agosto de 68, nós tínhamos setenta e cinco. Foi um salto brutal. É claro que isso não é talento organizativo nosso. É que o movimento cresceu muito; e nós fomos nos estabelecendo. Ao mesmo tempo, nós mudamos a linha já dessa tendência e começamos a dar importância à luta reivindicatória. Isso foi decisivo. Nós íamos para a sala de aula, nós íamos discutir professor, currículo, nós íamos discutir formação profissional, nós discutíamos democratização da universidade, e não só as questões políticas, então o movimento ganhou consistência. E a UME virou uma entidade realmente de estudantes. A tal ponto que ela se tornou... Com exceção do Rio Grande do Sul, onde a UEE era de direita, quem não participava era a esquerda. A única UEE onde a direita participava. Nós tínhamos a direita moderada, a direita radical, policiais, inclusive, infiltrados, todos participavam do nosso conselho. Então, nós éramos uma entidade ilegal, mas dificilmente se pode chamar a UME, exatamente, clandestina. De fato era, digamos, semi-clandestina, porque, de fato, levavam os caras da polícia para assistir sua reunião, então não... Transformou-se numa entidade de massa. E muito ligada a nossa linha, à linha que nós da Dissidência planejamos. O PCBR era um pouco à esquerda, a AP era bem mais à esquerda, e nós fizemos essa luta; inclusive, enfrentando problemas com o Partidão, que, apesar de ser mais à direita que nós, também se juntava com os esquerdistas para...

M.M. – Fustigar.

V.P. – Exatamente. Então nós conseguimos esse trabalho, mas muito poucos, muito poucos; mas em 68, nós tínhamos um número.. o que a gente pudesse, de estudante para formar, nós formávamos. Nós não tínhamos braço. Então, os estudantes que nós não podíamos, nós dizíamos: olhe, procure o PCBR, procure essa organização, a POLOP. Nós não tínhamos conta para conseguir organizar as adesões que a gente tinha para a nossa... Mas realmente foi uma mudança de conteúdo estudantil. Ganhamos o conselho da UME em

dezembro, com esse centro contra a política educacional, em fevereiro ganhamos o conselho mais importante da história do movimento estudantil, ali, naquela época, nós ganhamos por um voto. Porque nós não tomávamos decisão só com a diretoria da UME. Por isso também essa cooptação não era tão importante. Nós fazíamos os conselhos, onde todas as escolas mandavam representantes, e, freqüentemente, eleitos em assembléia geral. Então, digamos, a UME era uma espécie de federação, porque todo mês ou a cada dois meses, no máximo, tinha um conselho. Então, nós ganhamos no conselho por um voto. E a disputa foi a seguinte: qual é a luta central? No Brasil é contra a política educacional do governo. E no estado da Guanabara? Então nós dissemos que tinha que ser por mais verbas; e a esquerda, junto com o Partidão, dizia que tinha que ser a luta contra o pagamento das anuidades. E isso é interessante porque, no movimento, você vai jogando tudo que é estratégia política que você tem no movimento de massa. E aí também, nós chegamos à conclusão que a luta contra o pagamento de anuidades era uma luta perdida; se travada dessa forma, nós não ganharíamos nunca. E com os novos meios de pagamento, com o fato dos pais... E também o fato do pagamento ser pequeno, não doía tanto no bolso da classe média, entendeu. Então nós dissemos o seguinte: vamos pegar o outro lado da moeda, vamos lutar por mais verbas; porque, lutando por mais verbas, equipando a universidade pública, ganhando dinheiro com a universidade pública, ela não precisa cobrar. Então anuidade e verba eram as duas faces de uma só moeda; mas, pela tradição, pelo tom de radicalismo que a luta contra o pagamento das anuidades dava, o pessoal não queria. Então nós encaminhamos, tivemos grande dificuldade, ganhamos por um voto – de uma companheira, inclusive, um voto decisivo, porque não se sabia, até o fim, em quem ela ia votar. Morreu, depois, assassinada pela ditadura, na Bahia. É... Se não me engano, na Bahia. Ela... Nós ganhamos, então, a luta. Dessa forma, nós começamos então a reorientar o movimento estudantil todo, em todas as escolas; abrimos uma porta completa para escolas isoladas, que não enfrentavam exatamente esse problema, que eram escolas, às vezes... às vezes escolas particulares. Nós ampliamos esse terreno. E ao mesmo tempo travamos a luta pelo não pagamento da anuidade. Porque o Jean-Marc, que era o presidente da Escola de Química, era da AP, mas um rapaz equilibrado, nunca foi um... Ele entrou na AP só porque não quis entrar para nós. Na verdade, ele tinha uma linha... Mas a questão das anuidades, ele travava na Química, que era uma tropa fresca, a luta pelo não pagamento. Nós fomos lá, pedimos, fomos para a assembléia geral, defendemos que não fizesse essa luta, mas eles fizeram. Mas foi a única escola onde essa luta teve algum tipo de

sucesso; e o resto, a luta por mais verbas tomou conta. E foi essa luta que foi redimindo a UME. Ao mesmo tempo, você tinha dois movimentos, o Partidão boicotava a UME e se juntou à direita para acabar com a nossa representação. Então o padre junto com aquele arcebispo, dom Castel Pinto, começaram a fazer reuniões com os estudantes para abrir o diálogo com o governo por fora da UME. Nós soubemos, evidentemente, mandamos o Franklin Martins lá; que foi, talvez, um pouco radical, mas foi lá, disse que aquilo não tinha valor, fez uma denúncia e tal. E o Partidão começou a fazer assembléia, a jogar debate, para tentar... Então nós ficamos um pouco espremidos entre um certo... eu não diria adesivo mas um certo... flanco, luta de flanco, que o Partidão fazia conosco, e o esquerdismo, que vinha sempre dizendo – tem que ir para a rua, só a luta de rua é boa, só a luta aberta contra a ditadura. Mas com essa linha que nós tiramos, nós fomos, fomos, fomos, ganhamos todas as assembléias do Partidão. Todas. Onde o Partidão foi, a gente ia, mostrava nossa linha, ganhava. E afinal ganhamos, inclusive, quadros mais ligados ao Partidão, como o Camarão, que era um quadro de destaque da Engenharia da UFRJ. Um dia, o Camarão quis me jogar do segundo andar embaixo, lá numa briga, porque... (O Muniz) era o líder da esquerda, o Camarão, que hoje é de esquerda também, professor da UFRJ, ele... ele terminou, vem discutir... Chegou em 68, ele fez um desafio para mim, ele disse: “E você?” Eu digo: “Olha, a UME me elege; mas a polícia, a repressão, nós não podemos fazer tudo aberto.” Ele disse: “Pois então faça um aberto. Se você fizer um aberto, nós entraremos para a UME.” Aí eu topei. Fizemos. Onde é que eles queriam fazer? Na Engenharia da PUC, que era a escola mais reacionária do planeta. Então nós fizemos. O presidente do DCE da PUC era um cara liberal. Nós começamos a travar a luta por verbas juntos, com discursos diferentes. Ele dizia: “Olha, nossa luta não é política, é só por mais verbas”, eu dizia: “A nossa luta é política porque é por mais verbas.” O enfoque era outro. Mas travamos luta juntos. Entramos na PUC, fizemos uma solidariedade. E esse rapaz, que era uma liderança de peso... e ele tentou fazer. Fomos lá na Engenharia. Fomos dissolvidos à bomba. A direita foi lá e dissolveu o conselho da UME à bomba. Nós já tínhamos um lugar alternativo na Praia Vermelha mesmo, fizemos uma reunião. E a partir daí o Camarão foi para a UME, e acabou-se essa história, ninguém questionou mais a UME. Ele foi, e além disso passou a defender tese semelhante a da Dissidência. Nós, então, solidificamos um campo; que, embora não fizesse chapa junto, até por uma certa intolerância nossa... Nessa altura, eu já estava preso, quando fizeram as negociações, ou então estava muito perseguido, de forma que eu não podia... eu não podia

mais andar na rua e tal, eu fiquei prejudicado depois dos cem mil. Mas nós tínhamos uma linha dominante. De forma que, quando chegou o DCE, eleição direta, nós ganhamos o DCE da UFRJ. Depois, nós ganhamos as eleições para a UME contra todas as forças reunidas, todo mundo se reuniu contra nós; e nós, mesmo assim, ganhamos. Então nós tínhamos uma liderança já, em 68, muito consolidada, que expressou esse trabalho.

M.M. – E a competição na esquerda nacional? São Paulo...

V.P. – Olha, nós tínhamos... as dissidências tinham uma linha comum. Então, em 67, nós ganhamos o congresso politicamente mas perdemos a presidência. E em 68 nos preparamos para ganhar a presidência. Eu não quis ser candidato.(). Como eu sabia que a minha organização ia me dar ordens para eu aceitar, e, se fizesse isso, eu estava lascado, porque era centralismo, eu tinha que acatar, eu fui ao jornal e disse que não seria candidato de jeito nenhum. Enquanto eles não tinham discutido o assunto. E disse que ou apoiaria o José Dirceu ou apoiaria o rapaz de Minas, do DCE, o Jorge Batista, que era outra liderança expressiva. Era da POLOP. Mas a POLOP estava rachando. Inclusive foi para a COLINA, que é uma dissidência da POLOP. Mesmo a POLOP, que era de esquerda, também sofreu dissidências. Então... O Jorge Batista ficou quieto. O José Dirceu pegou a ponte-aérea e veio me pedir apoio. Eu digo claro, me pediu, eu apoio. Não tem por que não. Jorge Batista não se pronunciou, então apoiei Dirceu. E saí dessa briga. A partir daí nós passamos... tínhamos toda manifestação: cem mil, passeata, o movimento do Rio subiu muito; depois, o sessenta mil, como a gente chamava, cinquenta mil. Aí decidimos parar, porque se não, decaía muito. E fomos reorganizar a universidade. Mas em julho, a universidade estava fechada, férias, então... E, dois de agosto, eu fui preso. De forma que, no segundo semestre, eu tive uma participação muito restrita. Mas quando chega em Ibiúna, realmente, havia um impasse, porque o Partidão dizia que me apoiava, mas não apoiaria José Dirceu; o PCBR tinha um candidato, que era o Márcio (Marco) Medeiros, meu amigo, mas eventualmente, se ele desistisse, não seria pelo José Dirceu. Então, estava começando um movimento para ser presidente da UNE que ia me gerar muitos problemas. Porque, inclusive, havia desconfiança. O Arantes, que era um grande quadro do movimento estudantil, mas muito sectário, doente de sectarismo, o Arantes, ele vivia dizendo ao José Dirceu: “O Vladimir quer ser é presidente, está te passando a perna.” [ri] E o José Dirceu ficava numa

dúvida. Então nada servia. Por exemplo, aquele congresso era uma porcaria, muito malfeito. Lá fui eu...

M.M. – Uma loucura aquilo. Vendo então *a posteriori*, parece ().

V.P. – É. Tinha que defender as piores coisas que tinha no congresso. Quem ia defender? Eu. O que é natural. Eu não era candidato a nada, então eu podia me queimar à vontade. Aí eu fui lá, defendi que o congresso era ótimo. E o pessoal de AP é que era... burguesinhos, que estavam ali sem... reclamando da chuva e tal. Mas eu... mas, ao mesmo tempo, isso me dava uma certa liderança. Então o Arantes ficava com ciúme, dizia: olha, aqui... E quando chegávamos na reta de delegados, nós tínhamos uma posição muito rígida quanto a delegados tirados, e tivemos que anular alguns delegados do José Dirceu em São Paulo, que não foram eleitos. () Então eles ficavam indignados com a gente, porque a gente dizia: não, a entidade de massa tem que ser respeitada. Tem que tirar o delegado com as formas absolutamente claras, para não pairar dúvida. Enfim... Então o Arantes: “Viu? Querem tirar seus delegados para fazer...” Era toda uma suspeição. Você não podia fazer nada. Se você não abrisse a boca, o Arantes dizia: “Você viu? Estão calados. Não estão te apoiando.” Se você falasse, o Arantes dizia: “Olha, estão disputando a liderança.” Mas como Ibiúna caiu, não houve esse risco. E o José Dirceu depois... E eu tenho a impressão, se a gente conseguisse o apoio do Partidão, José Dirceu ganhava. A AP (), sem dúvida nenhuma. Mas nós também teríamos que ter uma composição ampla, só ganharíamos com o apoio... mais natural, com o Partidão. O PCB era muito mais próximo de nós do que da AP. O normal, politicamente, seria assim, como corrente política, nós teríamos mais força. Aliás, a AP já era uma organização em decadência, no seguinte sentido: os grandes movimentos de massa foram dirigidos pelos estudantes. Quer dizer, aqui no Rio, no estado da Guanabara, fomos nós que dirigimos; em São Paulo, as manifestações, dirigidas pela Dissidência de São Paulo, com José Dirceu. No primeiro semestre de 68 ainda era duvidoso. Tinha duas UEE em São Paulo. Mas a UEE do José Dirceu prosperou e a UEE da Catarina, que era da AP, desapareceu. Então só tinha o... Em Minas, não éramos nós, era sobretudo a POLOP. Mas em Salvador, os secundaristas eram da Dissidência, que era o outro grande movimento secundarista. Tinham dois. Goiás, que era da AP, mas Salvador era da Dissidência, de gente ligada à Dissidência. Lá no Ceará, quem puxava? Era o PC do B, com Genoíno. Tinha um movimento excepcional lá no Ceará. Não era AP. Mas era o PC do B

que não gostava da AP. O Genoíno, nas votações, se abstinha, porque não concordava com o radicalismo da AP. Então nós tínhamos um quadro, politicamente, muito favorável a nós. Favorável. Mas (tinha) porque a AP tinha muito delegado no interior de Minas Gerais, onde não chegava, não tinha movimento, onde se elegia por influência da igreja. Às vezes, levava gente que era de direita, a AP levava para o congresso, e votava. Era uma máquina. Mas já estava em decadência acentuada. Tanto que tiveram que botar como candidato o Jean. O Jean-Marc, no Rio de Janeiro, não tinha força nenhuma. Ele tinha. Ele era uma bela pessoa e um belo líder; mas o pessoal dele apoiava assim, entendeu, de trinta a um. Eles vieram buscar aqui por quê? Porque não tinha mais nome para botar no movimento de massa, que era aqui no Rio de Janeiro. Esse é o quadro. Se você quiser, acho que esse movimento, realmente, apresentou um avanço considerável como movimento estudantil. Uma revolução, comparado com tudo o que havia antes de 64. Porque, ao mesmo tempo, nós (instigamos), claro, mas nós demos uma outra tônica ao movimento estudantil, de respeito pela representação, respeito pelos estudantes. O movimento de antes de 64 era pacifista e moderado, mas não respeitava também os estudantes.

M.M. – Instrumentalizava muito.

V.P. – Instrumentalizado pelo governo. Francamente... Quando eu voltei para o Brasil fiquei chocado, porque eu vi, meu irmão era governador de Alagoas e pagava ônibus para o movimento estudantil para vir para São Paulo, para... Eu digo, que diabo, voltou o de antes. Movimento estudantil subsidiado pelos políticos. E eu mesmo, deputado, tive ocasião de ajudar a UNE; mas eu digo: vocês precisam se mexer por conta própria, porque senão vocês ficam dependentes de outras estruturas. O movimento estudantil voltou a ter essa debilidade mas também a ser instrumentalizado pelos partidos, não é. É uma coisa... Hoje, tudo é instrumentalizado. Nós conseguimos, num breve momento, é bem verdade, ter uma influência política da Dissidência, mas não mandava na entidade, a entidade é respeitada. O pessoal que vinha falar conosco, da direção, não mandava no movimento estudantil, não tinha essa relação, da direção da Dissidência dizer o que nós, líderes estudantis, íamos fazer. Não tinha. Nesse sentido, acho que foi um marco e um modelo para um país como o Brasil, onde o movimento estudantil era tipo sindical. Não existe isso em todos os países. Por exemplo, na França, você tinha entidade nacional; mas na Bélgica, onde eu estudei depois, não tem centros acadêmicos. Não existe isso. O que é que tem na Bélgica? Os estudantes elegem dois

representantes para o conselho de escola. Só. E o que existe lá? Banca de atividade dos partidos políticos. Os diferentes partidos políticos botavam banca, distribuía material, jornalzinho, mas não tinha sindicato estudantil. Então aqui, no Brasil, mesmo nos Estados Unidos, eu acho que a força era de outra natureza que não de natureza sindical. O movimento nos Estados Unidos influenciou muito o Brasil. É uma coisa esquecida, eu tento sempre ressaltar isso, porque a gente pensa que a influência era francesa. Não tem influência francesa no Brasil, nenhuma, a influência foi americana, basicamente americana. No Brasil. E a influência na luta armada era cubana; ou, se você quiser, debreísta. Por aí você pode dizer que era francesa. Mas na verdade não era... Você tinha o movimento estudantil tipo sindical. Para esse movimento – inclusive, tinha o sindicalismo unitário – e esse tipo de democratização era muito importante: respeitar os grupos, as tendências, essas coisas, que ele foi construído. Porque você tem sindicalismo – como o de hoje no Brasil, que não é mais unitário, você tem três, quatro centrais sindicais, como o da Europa. Sendo que na Europa é abertamente partidário. O partido tem o sindicato. No Brasil, não é tão nítido, embora se assemelhe, hoje em dia. Mas naquela época era unitário. Então eu acho que a gente construiu um modelo, realmente, muito interessante, de um movimento estudantil que se sustentava de forma sindical. Depois, não tem mais. O movimento estudantil não perdeu seu valor. O movimento dos caras pintadas foi um movimento extraordinário. Mas são movimentos de natureza abertamente político, sem nenhuma ligação com a estrutura do movimento estudantil. Tanto que, passou o Collor, acabou o movimento estudantil de novo. E o movimento de antes de 64 era muito político também. É verdade que fizeram a greve do um terço. Mas era sobretudo político, servia aos interesses dos partidos políticos. Então acho que foi uma experiência única no Brasil; em condições difíceis, e...

M.M. – Porque hoje a... o petróleo, não consegue atrair ninguém. A UFRJ...

V.P. – Mas aí criam-se os mitos. Por exemplo, porque você sabe, () frei Beto, em 68, em São Paulo. Ele disse: “Vladimir, vai sair tudo como está; mas pela manchete eu não me responsabilizo, pelo título.” Eu digo: “Tudo bem, frei Beto.” Me deu uma página inteira no jornal e o título que eles botaram lá era assim: *Vladimir. Ele quer o poder*. Tudo que você tinha ali era que não queria. A matéria era toda explicando que eu não queria o poder, que não... Pois bem. Quando eu estava no exílio, recomeçou o movimento, em 75, 76, tanto no Rio quanto em São Paulo. E eu vi o pessoal de São Paulo dizendo *não queremos o movimento*

que queria o poder como o de 68. Mas é possível? Eles não sabem nem o que é que foi 68. Porque ficou uma visão de 68 inteiramente desfocada da realidade. Porque o movimento estudantil é de curta duração. Ele não é como o movimento operário. O movimento operário tinha uma certa tradição, uma memória de natureza diferente. O movimento estudantil é muito rápido. Se você corta aquela continuidade, como a ditadura fez, com o Ato 5...

M.M. – Criou uma ruptura.

V.P. – É uma ruptura muito séria. Então, esse movimento estudantil nosso deixou marcas concretas, a meu ver, na manutenção das escolas públicas e das universidades federais. Eu acho que a contribuição que a gente deu, que continuam, embora dentro de uma crise, em níveis de excelência no ensino universitário, além de tudo mais democrático. Mas como movimento, aquilo tudo se perdeu, porque o Ato 5 acabou. Ali foi uma ruptura.

M.M. – E aí já foi a sua prisão. E depois...

V.P. – É. Mas o movimento, em tese, podia continuar, se fosse um movimento mais permanente. Sempre tem gente que fica na moita e depois recomeça. Mas aquilo não. O pessoal sai da escola, então você não tem como herdar aquela tradição. Mas eu acho... enfim, o movimento estudantil teve esse papel. A questão mais importante da gente foi impedir a privatização da universidade e impedir a transformação das nossas universidades, simplesmente, em universidades formadoras de profissionais. Queriam acabar com a pesquisa. Nós tivemos esse papel. Acho que essa foi a herança, reivindicatória, se você quiser, mais universitária que o movimento deixou, palpável. Mas é claro, do ponto de vista político, deixou a herança... lutamos contra a ditadura. Foi uma questão importante, que vai ser repetida...

A. F. – E formou quadros importantes. Só com os nomes que você mencionou, não é.

V.P. – Mas isso, eu fico com medo que você tenha um desvio *polopeiro*. Porque na verdade é como se você dissesse vamos fazer um movimento para formar quadros. A formação de quadros é uma decorrência da amplitude do movimento político e social.

A. F. – E a riqueza desse movimento tem um legado...

V.P. – Fez com que você tivesse um legado desse tipo. E até, mais curioso, tem muita gente que foi para a direita. Sabe que Gilberto Amado, repetindo já não sei quem da Europa,

Gilberto Amado dizia que todo jovem que não é revolucionário é um idiota. Mais ou menos assim. E todo velho revolucionário é um imbecil. Quer dizer que o pessoal ia evoluindo, vai mudando com a idade. Essa é a visão puramente geracional. Mas eu me lembro que na geração do meu pai, (meu pai foi socialista na juventude dele) o cara que ficou no Partido Comunista era tratado como uma figura exótica. Na minha geração, ser de esquerda – claro que o processo é outro mas – ficou um negócio comum. Não quer dizer que todo mundo de lá ficou de esquerda, eu quero dizer que (forjou) a permanência. Criou, se você quiser, entre aspas, uma esquerda social vamos dizer disseminada. Não da mesma linha, do mesmo jeito, mas criou-se um quadro geracional diferente, pelo porte de um movimento que a gente teve. E teve uma característica crítica, que é coisa importante, em 68, um certo rompimento com o passado, a crítica, em todos os setores da vida. Nós desconstruímos a família, não é isso?, mudamos o (critério) da educação; nós tínhamos opção sobre tudo, para mudar tudo. Então isso era um... Por isso 68 fica na história do mundo. É curioso, porque, no século anterior, houve também um ano que houve muita revolução, que não é o caso de 68 no sentido estrito, porque... Mas 1848 é um ano de revoluções. Todas derrotadas. E no entanto, quando você vai estudar o século XIX, necessariamente, você tem que estudar 48. Mesmo quem vai estudar a ótica das lutas populares tem que passar por lá. Aquele ano marcou. É um ano chave para você desvendar o mistério do século. 68 foi assim. É um ano em que ninguém tomou o poder... É claro, houve o Vietnã, e 68 foi o ano da negociação de paz, naquela derrota terrível que os americanos sofreram lá, mas não houve revolução no sentido estrito. Na França, esteve próximo da revolução ()...

M.M. – Mas mudou muita coisa. Do ponto de vista dos costumes, dos fundamentos...

V.P. – Claro. Da crítica, da vida intelectual. Mudou muito. Eu acho que é isso.

A. F. –E a experiência pessoal? O corte desse movimento todo, ir para a prisão, para o exílio, como é que foi isso para você?

V.P. – É a tal história. Tem pessoas que preferiam a prisão ao exílio. Não é meu caso. Prisão é uma coisa horrorosa. E eu sou um cara mais tolerante... Por exemplo, quando tem a discussão sobre política de segurança no Brasil, eu vejo às vezes as pessoas com ódio, que tem trinta anos, vinte anos de cadeia, é porque não sabem o que é cadeia. É claro que você não pode justificar a impunidade. Alguém já disse que no Brasil a lei está certa, só basta aplicá-la. O problema é que você tem, às vezes, pessoas que matam outra e saem doze anos

depois. Isso aí é uma coisa escandalosa. Mas é mais na parte processual do que do tamanho explícito da pena. A cadeia é um negócio muito deprimente, muito ruim.

M.M. – Quanto tempo você ficou preso?

V.P. – Eu fiquei um ano, mais ou menos. Porque, na verdade, eu fui preso, um mês, em 67. Minto. Dez dias. Depois, eu fui preso em agosto. Passei um mês e meio preso. Aí passei quinze dias fora. E depois passei mais onze meses preso. Passei onze meses. A maior parte, eu não diria na solitária, porque solitária lembra umas coisas subterrâneas, água pingando, mas na solidão. Preso só. E eu não recomendo para ninguém. Quando eu imagino que houve companheiros meus que passaram dez anos, imagino que tamanho do drama e mesmo dos danos psicológicos, não é, que você tem, porque não tem relações normais. Então, eu digo sempre, o exílio é muito melhor. O exílio é melhor que a melhor cadeia. Mas há gente que não foi assim. Houve companheiros que se mataram no exílio. Teve problemas psicológicos sérios. Então depende muito acho que do sonho de cada um, da forma de encarar. Eu vejo... me achei sempre um cara capaz de me adaptar às condições. Eu sempre gostei muito de viver, então eu me contentava com... um tantinho de vida, eu ia buscar lá, para tentar viver aquilo.

M.M. – Por que você foi para a Bélgica?

V.P. – Ah! Para a Bélgica... Se eu lhe contar pega mal. Porque ninguém me queria. Porque não podia ir para canto nenhum. Ninguém me dava visa. E afinal consegui um visa na Iugoslávia. E eu não queria ir para a Iugoslávia, porque eu não queria ir para nenhum país socialista. Já tinha ido a Cuba, e passei dois anos e meio brigando com os cubanos. Já não queria ir. Eu fui a Cuba porque Fidel Castro, em 69, quando eu saí para o exílio, Fidel Castro fez um pedido, como um ato de apoio; eu não tinha porque me negar a um ato de apoio à revolução cubana. Mas eu sempre discordei de algumas coisas em Cuba. E também sabia que quem mandava era o Marighela, que era de orientação política diferente da minha. Mas Cuba chegou e nos chamou para fazer esse gesto, e disse: a gente bota vocês onde vocês quiserem. E eu não queria ir para Cuba porque, inclusive, sabia que não tinha contato com o Brasil. Queria ir para Paris. E todo mundo... “é, vai tomar um vinho tinto”. Antes fosse. Eu gosto. Mas não é por isso. É porque eu ia ter acesso. Tanto que o pessoal da VPR queria ir para a Argélia. Eu não queria ir para a Argélia, eu queria ir para Paris. Porque eu estava suficientemente longe do Brasil mas ao mesmo tempo perto, pelas comunicações. Mas fui

para Cuba. E passei dois anos e meio em confronto com os cubanos, com o governo cubano, com... sei lá, com a polícia, com os funcionários responsáveis por tratarem conosco.

M.M. – E lá, quais eram as suas atividades? Você estudava?

V.P. – Nenhuma. Eu estudei por minha conta. Quer dizer, tinha. Primeiro cortamos cana, voluntariamente. Fomos lá, como de praxe, cortamos cana. Foi uma experiência interessante, divertida. Depois eles proibiram a gente de trabalhar. E como eu estava brigado com eles, não queria treinamento. Fiz um treinamento de... que eles chamavam lá de guerrilha urbana, que é fazer bomba e tal, coisa para a qual, realmente, eu não fui feito, porque minha... Eu só passei nos trabalhos manuais porque minha professora do Mallet Soares, dona Stela, me ajudava muito. [riso] Eu não tinha o menor talento manual, nesse sentido de... digamos escultural. Eu sou muito talentoso para jogar botão, jogar totó, mas em matéria escultural sou um desastre. Desenho. Nunca consegui desenhar. Já fui reprovado em desenho. Então... Mas eu fiz lá minhas bombas, grosseiríssimas, não é. Aquele negócio... E tinha um tiro, de tiro, não é, aprende a atirar, fazer bomba. Era o curso urbano. Esse eu tinha feito. Porque durava três meses, dois meses. Não sei mais quanto. Mas eu não quis fazer o curso rural, que eu considerava ser uma fábrica de cadáveres. Que aliás, um amigo nosso que dizia isso, e era a pura verdade. Nego ia lá, fazia um treino de guerrilha e achava que sabia de tudo. Ia lá, voltava para morrer. Noventa por cento do pessoal que fazia curso em Cuba voltava para morrer nos seus países. Mas depois, por uma série de circunstâncias que não vale a pena detalhar aqui, eu fui enquadrado na minha organização. Minha organização tinha virado MR-8. E o Lamarca tinha entrado para a organização. Aí virou a organização mais importante do Brasil. E aí me enquadraram para ficar em Cuba e treinar. E eu fui enquadrado, treinei. Os cubanos não esquecem a nossa experiência. Nós somos eu acho que a única turma que passou pelo treinamento rural que não teve nota. Em geral, o dirigente da organização vai lá e recebe uma nota, saber como foram os seus pupilos. E no nosso caso, eles se recusaram a dar nota para nós. Não teve. Porque foi a indisciplina, a crítica, o... Enfim, foi um desastre o nosso curso. E nós questionamos tudo.

A. F. – Todo mundo da Dissidência.

V.P. – Não. Nós tínhamos a ALN. Era metade da ALN e metade da Dissidência. Então... Mas isso tudo, a indisciplina grassou. Mas era... de forma diferente. O cubano não estava adaptado para tratar pessoas como nós, de um país relativamente desenvolvido. Os

cubanos tinham estrutura para países da América Central, alguns países mais atrasados, para mostrar... Os cubanos iam mostrar técnicas à gente, era coisa feita no Brasil há vinte anos. Técnicas agrícolas, agro-pecuária. Em matéria política, eles estavam preparados para ensinar talvez a uma população camponesa que estava entrando na guerra de guerrilha, tinha um curso. Mas para nós não podia. Tudo intelectuais, estudantes, de alto nível cultural, político, tinham lido Marx, lido Lênin. Era um abismo. Um abismo. Os nossos professores de política sabiam menos do que nós. Tinha lá uma aula de política, na guerrilha. E uma crítica... Porque nós éramos da geração de 68. Nós tínhamos uma crítica à disciplina militar. Então nós estávamos dispostos a fazer uma disciplina consciente. Aí, primeiro dia, os cubanos começaram a chamar a gente para fazer fila para tomar café. Aí a gente começou a não fazer, resistir. Porque tinha de virar à direita, virar à esquerda, continência, marcha. Nós não vamos fazer isso. Aí não fazíamos. E começou o boicote. E nós dizíamos que conosco tinha que ser diferente. Não podia ser. Alguns, tidos como mais dissolventes... como eu, que era tido como elemento perigoso, que aí não... não passa. Aí... Eles tinham atividade social. Eles iam passar um filme lá. Eu não ia. Ia estudar. Eu estava estudando muito. Estudei história de Cuba, estudava Estado, estudava marxismo. Então, eles iam lá ver um filme, e eu ia estudar. E era um caos. Porque diziam que não tinha () para tudo. Queriam me impedir de estudar. Mas na hora vaga, naturalmente. Então começou a criar um conflito. E pouco a pouco todo mundo começou a ficar contra aquela estrutura. E foi ganhando adeptos e tal. Foi uma coisa esquisita. Mas eu me dediquei ao treinamento militar. Não pense que eu... Ao contrário. Quando acabou o treinamento, eu recebi elogios especiais dos professores pelo esforço que fiz. Eu nunca fui nenhum atleta. Eu fiz um esforço lá, cumpri minhas tarefas. Agora a estrutura rígida que eles queriam impor para a gente, de vida, nós não podíamos aceitar um negócio daquele. Não tem como. Então não foi uma boa experiência. Eu fiz o treinamento, esse, já no final, depois eu saí, passei seis meses clandestino na Argélia, que é outra experiência que eu não recomendo, e depois fui para o Chile. Passei um ano no Chile. Aí veio o golpe no Chile. Eu voltei para o México. E aí só me restou Iugoslávia. O único país do mundo que me deu um visto. Mas não tinha vôo direto; tinha que passar em Bruxelas. E você passava três dias em Bruxelas, para pegar o avião. Ah! Eu desembarquei em Bruxelas e fiquei.

M.M. – E como é que você se virou para conseguir visto?

V.P. – Ah! Fui expulso. Mas aí já tinha um movimento de auxílio a refugiado. A (Opus Santo), dos católicos, e o Partido Comunista pressionaram muito, conseguiram que eu ficasse na Bélgica. Então eu fiquei na Bélgica. Assim. Turista. Fiquei lá.

A. F. – Ficou lá até ingressar na universidade.

V.P. – Aí fiquei até ingressar. Me formei em economia. Primeiro trabalhei como operário, sete meses, e depois... Na () International, que fabricava peça para barco. Mas eu era lá... meu trabalho era a coisa pior que tinha lá na fábrica. Eles admitiram de favor, pressionado pelos sindicatos, que em todo canto pediam emprego para dois refugiados chilenos. Então fui eu e outro companheiro brasileiro lá. Nós trabalhávamos nessa fábrica, por pressão sindical. Quando a gente saiu, eles ficaram difíceis. Eu saí de lá porque a minha antiga boa companheira que eu tinha lá na Bélgica fez tudo. Na verdade, não chegou a ser uma bela relação, mas devo isso a ela. Ela forçou quase todos nós a ir para a universidade. Arrumou a bolsa. E eu aí fui estudar economia. E estudei e me formei em economia na Universidade Livre de Bruxelas.

A. F. – E a tua relação com... Porque aí a Dissidência virou MR-8, ainda no período da tua estada em Cuba, não é.

V.P. – É. Mas aí foi acabando. Acabando, acabando...

A. F. – Foi acabando. Foi gradativo. Não teve algum momento de?...

V.P. – Não. Lá no Chile, nós rachamos. Porque saíram os últimos sobreviventes do MR-8. Eram três bases e quatro dirigentes. Quer dizer, era o cúmulo, não é. Isso aí já era o retrato. E aí, entramos lá num processo de discussão, enfim, absolutamente secundário, e ficaram dois MR-8. Veio o golpe do Chile, que nos dispersou. A nossa parte veio. E eles terminaram... Existia um esquema com o Brasil, terminaram voltando. E o MR-8 sobreviveu. Até hoje, não é. Mas com características digamos... bem diferentes. E eu fui para a Bélgica, já independente, e não militei muito nas coisas do Brasil, no sentido estrito: Comitê da Anistia... Eu tinha amigos meus, o () Pereira, sobretudo, que hoje é o chefe de gabinete do PT na Câmara dos Deputados, na liderança, e o Lenise, que era amigo do () também, eles militaram na Anistia. Eu fazia trabalhos etiológicos, comecei a estudar as coisas sobre o Brasil, preocupado em explicar as condições no Brasil. Aí teve, depois, a política de abertura e tal. Discutia mais isso. Daí militei com alguns amigos, como Cid Benjamin, César

Benjamin, Daniel Aarão Reis, e discutíamos. Carlos Weiler. É bom lembrar do Weiler. O Weiler e o Cesinha são os caras mais brilhantes da minha geração. O Carlos Weiler é professor no IPU, aqui, já foi diretor, e o Cesinha é um... um eterno *free-lancer*, não é, da vida intelectual. Então... Mas os dois são muito brilhantes. E eu, Cid... Daniel menos, porque Daniel, uma época, foi ensinar em Moçambique, mas nós ficávamos olhando a discussão dos dois, Cid e eu, (até enchíamos o saco deles) porque eles eram muito brilhantes. Tinham discussões muito sobre o que seria o Brasil. Então nós começamos a tirar documentos. E eu e Weiler, em particular, nos aproximamos muito. Até bem recentemente, eu e Weiler éramos bastante próximos. Levamos muito documento, até os anos 90, em conjunto, para o PT. E... E ele vai nos aproximamos, mandamos documento para o Brasil, as organizações do Brasil começaram a se aproximar da gente, a conversar. Eu e Weiler então fizemos... O Cid se orientou mais para retomar os laços com o MR-8, e eu e Weiler nos aproximamos para as organizações mais novas e tal. Começamos a ter contato com o MEPE, com a Ala Vermelha. Nós éramos ativos. Mas aí, começou a se formar o PT, o movimento sindical... Quando a gente chegou no Brasil, o quadro já era bem diferente. Mas nós atuamos muito juntos. E o pessoal gozava. Dizia que tinha partido, grupos, organizações e dupla: eu e Weiler formávamos uma dupla. E essa dupla continuou no anos 80. Até os 90, nós escrevemos muito em conjunto, porque o quadro no PT permitia isso.

A. F. – Quando vocês voltam para o Brasil, vão se aproximar, esse envolvimento com o PT já estava claro? Ou havia dúvida?

V.P. – Nós dois éramos muito críticos, eu e Weiler. Mas quando chegamos aqui, todo mundo estava no PT, então... Não houve muita discussão. Não tínhamos como. Todo mundo estava no PT. Não entrou por opção.

M.M. – Você chegou em que ano?

V.P. – Na anistia. Em 79. Não tinha alternativa. A não ser fazer produção teórica. Mas qualquer outra coisa... Se fosse militar politicamente. Então não se colocou. Lá fora, eu e ele éramos as pessoas mais críticas que tinha.

A. F. – Em geral, em que sentido?

V.P. – Ah! Achando que o movimento era pouco político, não tinha nível, estrutura ideológica, que aquilo ali era um movimento absorvível pelo regime. Nós tínhamos uma

crítica pela esquerda ao PT. E chegamos a discutir lá. O MEPE fez umas discussões, eu e Weiler éramos as pessoas mais resistentes. Mas chegou aqui, estava todo mundo, não tinha esquerda fora do PT. Quer dizer, tinha aquela tradicional, o Partidão, PC do B, das quais nós discordávamos há muito tempo.

A. F. – Discussão relativa à esquerda do PT, no caso. Quem é esquerda?

V.P. – Não digo só de esquerda. A esquerda, o PT não tinha. () diferente. Não tinha. Mas nós entramos no PT. Mas nós não somos obcecados pela política, quer dizer, no sentido estrito termo. Nós não somos fanáticos, nem eu nem Weiler. De modo que eu não tive pressa. Eu entrei para o PT porque estava dado. Mas eu fui... cheguei no Brasil, tirei dois meses de férias em Alagoas, fui para Alagoas. Não dei um... Nego imagina essas histórias da vida da gente, achando que... Não é? Não. Mesma coisa. Quando o sujeito viu a novela, aquela da Globo, nego dizia: é igual? Eu digo, não. Mas novela não pode ser igual, mesmo, à vida. E eu não critico coisas romanceadas, porque coisas romanceadas são coisas romanceadas. Agora realmente, na novela, parecia que a gente só pensava naquilo, ou seja, em política. Não é verdade. Tinha uma vida pessoal. A gente saía, via filme, bebia. É claro, quando chegou 68, ficou difícil. Mas... Não. Mas nós fazíamos uma porção de coisas. Eu freqüentava o Zicartola, tomava cerveja, eu passava férias em Alagoas. Então você dá idéia assim, um fanatismo, não é, que não existia.

M.M. – Que a vida só girava em torno da militância.

V.P. – Em cima daquilo. Era um negócio quase religioso. Mas não era. Então eu, por exemplo, eu voltei, reuni com o pessoal aqui, fui para Alagoas, passei dois meses. Voltei aqui... Não é, literalmente, verdade. Eu passei quinze dias, voltei aqui, depois voltei, passei dois meses, assim, grosseiramente, e vim aqui para a convenção de fevereiro que fundou o PT. Que aí fui eleito delegado para a convenção nacional. E lá fundei o PT nacionalmente, no sentido formal, porque, na verdade, os companheiros que fundaram o PT, no sentido essencial, foram alguns parlamentares, os sindicalistas e algumas pessoas de esquerda de São Paulo, que estavam lá há mais tempo. Aqui no Rio, tinha uma comissão pró PT, eu me lembro que estava a Ala Vermelha e o MEPE. Estava o Cidão, o Neiva... Já era um jeito aí de... E quando eu cheguei, o Cesinha já tinha vindo antes, e o Cid. O Cid se afastou do MR-8, não conseguiu, ficou com...

M.M. – O Cesinha e o Cid, eles foram trabalhar no CPDOC. Eles arregimentavam as massas da Fundação Getúlio Vargas toda, para entrar no PT.

V.P. – É. E eles começaram com ligações diferentes mas... sobretudo o Cesinha se aproximou mais do PT. Quando eu cheguei aqui já era tudo PT, Cid, Cesinha. Então, eu sou fundador do PT, de fato; mas na verdade já havia um movimento antes disso. Eu estava no exílio. De forma que, quando se for ver como, de fato, começou o PT, na sua origem, não sou eu. É a Igreja, é o trabalho sindical ligado ao Lula, e algumas organizações que estavam ali, enfim, como expressão. No caso, eu sou da fundação formal do PT.

A. F. – Essa perspectiva de ter atuação parlamentar não era uma coisa que estivesse dada, escolhida, no horizonte.

V.P. – Não. No meu caso, nenhuma. E eu fui para São Paulo para arrumar emprego, passei um ano morando em São Paulo, em 80. Fazendo tradução, às vezes arrumadas pelo Marco Aurélio Garcia. E o Dirceu tentou arrumar uns empregos para mim em jornal. Mas eu não consegui, não consegui, tenho raiva até hoje, o meu diploma de jornalista. Muita gente nunca foi jornalista e conseguiu. Mas eu, que fui jornalista, não consegui. Eu trabalhei no *Última Hora* em 67. E apesar das declarações, dos documentos, o pessoal foi muito gentil, o Jaime de Freitas me deu um certificado e tudo, aqui, barraram minha... Então eu fiquei sem possibilidade de... Aí começou a não ter carteira assinada, não sei o quê. Aí não consegui emprego. Minha companheira daquela época era uma professora e tinha feito um concurso para a Embrapa. Era a única socióloga da Embrapa. Eu acho que foi a última e a única, porque, quando saiu, acho que nunca mais nomearam uma socióloga, porque atrapalhava muito o funcionamento da casa. (ri) Então ela ganhou bolsa e bolsas, fez lá e tal, e acabou o tempo do doutorado dela. Ela tinha conseguido a façanha de perder o doutorado. Foi uma coisa extraordinária. Em Paris, na mudança de casa, sumiu o doutorado dela. Então terminou acabando o doutorado só nos anos 90. Então nós fomos para Brasília, que ela era funcionária pública. Tivemos um filho, fui para Brasília; e eu vivi em Brasília, 81, o ano inteiro. E eu fazia tradução para o CNPq. Comecei a virar um *cobra* em tradução técnica, porque me formei em economia em francês e o CNPq usava muito textos franceses, sobretudo Benjamin Corea. E eu já estava começando a partir para visitar fábricas, para ver como era aquilo, para cada vez ser um tradutor técnico... Eu estava ganhando muito bem já. Então, vou virar um tradutor técnico aqui. Sou economista, estou vendo isso e tal... Minha mulher tinha um

emprego bom. E eu era militante de base em Brasília. Ninguém acreditava. E nós participávamos de um núcleo, e todo dia da semana nós fazíamos uma ação mas muito modesta. Nego via muito, achava que eu estava em missão na direção nacional, essa coisa. Nada. Eu era um militante de base. Porque eu tinha tomado a decisão de não falar em público, porque... Voltei, claro, cumpri meu negócio, falei da anistia com o pessoal, fiz o discurso de praxe. Mas depois, eu não fiz porque, eu digo, se for algum (reforço no Rio) eu falo, se eu for dirigente do partido. Mas não quero ser personalidade. Nada. Em Brasília não tem nada, não estou fazendo nada, o que é que eu vou falar. Então, lá, nunca falei.

M.M. – Mas aí, em 82, você vem para o Rio. Você vai ser candidato ao Senado.

V.P. – Eu fui intimado. É. O meu pessoal do PT botou a faca na minha garganta, disse, se você não vier, eu não trabalho mais com você, acabou. E eu tinha um pessoal aqui, esse mesmo pessoal, César, Cid, Daniel, a Glorinha Ribeiro, que me acompanha desde a eleição, que hoje é tesoureira do PT. O Luís Carlos Bancário. E, eventualmente, outras pessoas, que eu estou fazendo a injustiça aqui de... Mas é da turma. Daniel, todos eles disseram, tem que vir. Pressionaram, pressionaram. E eu confiei, inclusive, que a minha companheira não ia aceitar, porque nós tínhamos uma vida tranqüila lá em Brasília e tal. E ela aceitou. Ela aceitou. E eu vim. Ela forçou a barra na Embrapa, conseguiu a transferência; mas na marra. Ela primeiro se mudou, depois conseguiu a transferência. E eu fui candidato ao Senado aqui, naquela eleição tremenda, que era uma eleição...

M.M. – Da volta do Brizola.

V.P. – Não, mas não é a volta de Brizola. É que é vinculada, não é. É o voto vinculado. Tinha de votar do governador ao vereador, então não tinha espaço para o PT. E o nosso Lysâneas, que era de formação do PDT, quando começou a campanha, Lysâneas disse que o Brizola era o melhor candidato. Pronto. Aí ficou... ficou difícil. O Lysâneas tinha uma formação... Tanto que depois voltou para o PDT. Homem honesto. Foi um lutador contra a ditadura militar.

M.M. – E era muito difícil também.

V.P. – É. Mas tinha um campo aberto ali. Mas o PT...

M.M. – Olha, eu fui militante daqueles momentos iniciais. Era bem difícil.

V.P. – Ah! Mas era uma militância animadíssima. O PT escolheu o pior caminho, que foi o caminho de se esconder atrás de figuras de fora do PT para fazer aqui, que marcou o Rio de Janeiro. Então, 82, se escondeu atrás do Lysâneas, em 85 não deixamos que se escondesse atrás do Saturnino. Porque tinha a turma do Saturnino e a turma do Arthur da Távola. Era uma disputa. As mesmas pessoas queriam ou apoiar o Saturnino ou o Arthur, que eram inimigos do ponto de vista político; um do PDT e o outro do PSB, se não me engano. Ou PMDB, não é. Do PMDB. Então eram inimigos. As pessoas diziam: ou coligamos com Saturnino ou coligamos com o Arthur. Eu disse: Mas como? Que tipos. Já havia, mesmo no setor mais moderado do partido, desde aquela época. Mas são pessoas diferentes.

A. F. – Mudou.

V.P. – É. Ainda hoje tem luta política. Não quero... Isso é coisa passada. Eu posso falar de 68 porque aí já é uma coisa... E meus colegas quase que defendiam, no sentido de que o pessoal queria coligar com qualquer um, porque não se sentia com forças, com segurança para enfrentar as coisas. E nós lançamos o Wilson Farias em 85, levamos uma sova. Confusão de esquerda.

M.M. – Ih! Aquela do Wilson Farias foi uma tragédia.

V.P. – Era o seguinte. Um minuto de tevê, ao vivo. Ao vivo. Era uma parada. Então... E ninguém sabia quem era Wilson. () Não tinha nada. Mesmo assim fizeram dele... Naquela época fazia intervenção aqui no Rio. Quando a direção nacional veio aqui, três mil militantes se reuniram na UERJ. Três mil. Então tiveram condição, tinha condição, aqui era um PT vivo, apesar de ter sofrido uma derrota eleitoral. Então isso... E se expandiu muito. Mas esse período demorou. Tarde demais. A concorrência do Brizola... Depois que o Brizola ganhou a primeira eleição, o Brizola...

M.M. – Foi muito complicado. Puxou muita gente que poderia ter votado no PT, e que acabou indo...

V.P. – Claro. Mas não é só isso. É que o Brizola é o Brizola. No Rio Grande do Sul, o mesmo processo aconteceu com o PTB, mas o Brizola não estava lá. Quer dizer, o líder popular, o caudilho não estava lá, estava aqui. Então o PT no Rio Grande do Sul conseguiu avançar mais rapidamente. Mas nós, devagarinho, seguimos aqui. Em 88 nós saímos com Gabeira. Oito por cento dos votos. Em 86. Em 88, fomos com Bittar, teve dezoito por cento

dos votos, na prefeitura. Em 90 nós tivemos de novo dezoito por cento, no estado, que era uma façanha o PT. E nós nos transformamos no segundo partido do Rio de Janeiro. Se houvesse segundo turno em 88 e 90 teria sido entre PT e PDT. Quer dizer, nós jogamos a direita para escanteio, se você for ver. Tirando aquele breve negócio do Moreira Franco, toda direita sai do PDT, depois. Não teve mais... A direita, no Rio de Janeiro, saiu do PDT. Aliás, fora do PDT só tínhamos nós, porque o resto, tudo passou por aquela escola. Então o PT era o partido diferente. Até que a direção nacional começou a se meter na política do Rio de Janeiro e começou a querer apoiar o Brizola a todo custo. Foi uma batalha. Em 94, se meteram aqui e anularam; eu fui indicado a governador, ganhei a prévia e não levei. E a convenção colocou o Bittar mas com ordens da direção nacional, porque sabiam que eu não me submetia a não falar do PDT. Como é que você vai fazer uma campanha eleitoral... que o Brizola faz um governo fraco... O segundo governo do Brizola...

M.M. – Foi muito ruim.

V.P. – Não foi como o primeiro. A questão da segurança pública já estava uma mixórdia. O Marcelo sentado no eleitorado da Zona Sul. O Bittar não era o nome indicado para aquelas condições. Eu sempre defendo que, em eleição, não se escolhe o melhor candidato, se escolhe o candidato mais adequado para aquelas circunstâncias. E ali não... Aí abriu aquele negócio... Boicotaram o Chico Alencar em 96, em 98 teve a intervenção. Para quê? Para apoiar o PDT.

M.M. – Que foi a desgraça.

V.P. – Ah! E o Garotinho. Fabricaram o Garotinho. Que o Garotinho, em 94, chegou ao segundo turno. O Garotinho se fez em 94. Não foi em 98. Em 98... Porque nós podíamos ter dificultado muito a vida, a aparição do Garotinho com candidatura própria da gente em 94. E aí estamos padecendo o que o Rio de Janeiro padece hoje, o desgoverno, o caos completo.

M.M. – Como é que foi a sua experiência como deputado federal? Entrar na vida parlamentar, que era uma coisa muito diferente.

V.P. – Olhe... Não. Minha adaptabilidade. Eu me adapto a essas coisas. O problema é o seguinte. Eu não tive problema. Eu fui coordenador de Economia na Constituinte. Participei com Severo, que era figura de destaque, Severo Gomes, do PMDB, e na ordem

econômica, nós éramos minoritários, e conseguimos a façanha de botar uma parte econômica, na Constituição, boa, defendia a empresa nacional. Fizemos isso por acordo, com a presença do Delfim, do Severo. Nós ganhamos a nacionalização do subsolo, ganhamos o monopólio público da exploração mineral, ganhamos a defesa da empresa nacional; e que não era um negócio... Que nego diz: não, isso é populismo. Não. A Constituição permitia que se apoiasse a empresa nacional. Não mandava. Permitia que. Se o governo considerasse adequado... Pois bem. Não é à toa, essa parte da economia que nós fizemos em conjunto foi a primeira a ser derrubada no governo Fernando Henrique. Fernando Henrique fez uma campanha dizendo que ia fazer reforma fiscal. Aliás, todo mundo faz isso, não é, e nenhum governo faz. O Fernando Henrique ministro da Fazenda foi três vezes, lá em Brasília, no PT, pedir a reforma fiscal; e três vezes o governo Itamar retirou a proposta fiscal. Eu dizia: vocês não querem a reforma fiscal. Pois bem. A parte que a gente fez, quando Fernando Henrique ganhou, eu já não era mais deputado, foi a primeira que eles fizeram a reforma, emenda constitucional e tiraram. Então... Foi tão relevante que foi a primeira página a ser posta para fora da Constituição. [ri] Então... E fui da Comissão de Economia, de que eu gostava muito. Não era a mais importante. A mais importante era Finanças. Mas eu preferi de Economia porque era mais política econômica do que a de Finanças, embora fosse secundária. Sempre gostei do trabalho de comissão. Era um trabalho relativamente produtivo. Mas o Congresso brasileiro é feito para não funcionar. Um dia um deputado lá disse, porque eu reclamava, e ele disse assim: “Vladimir. Você não notou...” Eu disse: “Por que essa porra não funciona? Não é possível. Se arrasta”, não sei o que e tal. O cara falou: “Vladimir. Você não vê que é de propósito?” É feito justamente para...

M.M. – Para nada acontecer.

V.P. – Para nada acontecer. Para... Isso é estabilidade do país, é não ter lei mais nova e tal. Na minha época circulavam quatro mil projetos. E ainda havia deputado que tinha oitocentos projetos, novecentos. E depois o povo acha que o deputado que apresenta projeto é muito bom. Não tem nada que ver. Tudo que é de projeto está lá. Basta você chegar, pegar um, pesca um e faz o relatório; no relatório, você muda. Tem tudo lá para você mudar. Mas aquilo é feito, realmente, para não funcionar. O que acontece? Eu disse do ponto de vista da mecânica da construção de lei. Mas é fácil você ter aprovação, no nível executivo, que é o papel político do parlamento, que é essencial. Qual o meu problema com o parlamento?

Comissão, muito bom. Agora o plenário, eu não suportava o plenário. Eu não teria nem disputado o segundo mandato se não fosse meu compromisso, que eu tinha, de disputar dois mandatos. Porque a dinâmica é muito ruim. Você veja bem. Nós, no PT, discutimos muito. E eu sempre fui um deputado influente na bancada. Ora, depois que a gente acabava a discussão, estava fechado, eu não mais o que fazer no plenário. Quando ia votar no plenário, eu não tinha mais o que dizer, porque quem fala por nós é o líder. Ou eventualmente, um projeto especial, que você determinava uma pessoa diferente do líder para acompanhar. Então... Já na Constituinte, eu fazia isso. Não tinha essas votações, não tinha mais nada, a bancada fica, eu comecei a ler. Eu lia sobre o Estado. Terminei formando. A minha pós-graduação, uma parte é sobre o Estado. O conceito marxista de Estado. O conceito leninista de Estado. Então resultado: o jornal *O Globo* começou a dizer que tinha gente que lia em plenário. Botou na primeira página os vagabundos que liam em plenário. Quer dizer, você faz uma atividade útil, quem pode, naquela discussão inútil que estava se fazendo, aí não podia prejudicar o partido. Então eu não podia fazer nada. Você tem o escritório, que é longe... Às vezes, a votação demora cinco minutos, às vezes demora duas horas. Você não sabe. Então você não pode ir para o seu gabinete e voltar correndo. O gabinete deve ficar a uns dois quilômetros do... Então pronto. Você fica fazendo o quê? Quem gosta de chacinha fica ali conversando fiado, não sei o que, toma um cafezinho; de noite, às vezes dava para ver um futebol. E eu ficava andando. Então eu senti minha vida se esvaindo, porque... não pelo que tinha de trabalho, pelo que *não* tinha de trabalho. A bancada era ótima. Não tinha a menor queixa. A bancada do PT, extraordinária, assessoria técnica do PT, maravilhosa, os trabalhos de comissão muito bons, mas... Você sabe o que é você passar catorze horas rodando, sem fazer nada? Porque você tem que apertar o botão. E eles não inventaram a forma de você votar, aquelas questões amadurecidas, o pacote. Faz um pacote, quando os partidos tomam posição, em todas as questões, e vota aquilo de uma vez. Eles tentaram, uma vez ou outra, no Congresso. E você fica preso lá. Aquilo não tem o menor sentido. Então comecei, realmente, a me aborrecer. Em todo caso, quando eu fui líder, gostei muito. Nego dizia... Porque eu nunca quis ser nada. Eu nunca fui dirigente nacional do PT. Nunca quis ser. Eu nunca aceitei ser. E nunca quis ir para a coordenação da bancada do PT. E só fui líder do PT por acaso, porque a direção nacional do PT agiu mal conosco. Eu ganhei, contra o Lula e contra o José Dirceu, contra o Genoíno, uma oposição a Itamar Franco, no diretório do PT. Porque o deputado tem direito de falar. Não tem direito de votar. Mas eu ia a todas as

reuniões do diretório nacional, que era coisa de lei. E ganhei algumas votações e tal. E essa, em particular, eu ganhei. Então ganhei essa votação. E tinha o esquema tradicional do PT. O Lula, em geral, não ia; mas às vezes, quando era importante, ele ia à entrevista, depois () diretório. Nesse diretório feito em Belo Horizonte, nós ganhamos por dois votos, oposição a Itamar. Quem ia no lugar do Lula era sempre José Dirceu, secretário-geral e tal. Pela primeira vez não foram. Ficaram nervosos, não aceitaram. Mercadante, Genoíno, José Dirceu aos gritos, e dizendo que iam renunciar, entregar o partido na nossa mão, não sei o que e tal. E não houve sequer entrevista comunicando a posição do partido. E eu estranhei muito. Porque eu mesmo nem quis saber. Eu fui pegar meu avião. Um cara de base. Na terça-feira, sai uma nota, o Dirceu dizendo que foi uma maioria eventual. Aí eu fiquei uma arara, porque, eu digo, esse negócio de maioria eventual é a desqualificação...

M.M. – Da bancada.

V.P. – Não. Do diretório. E ao mesmo tempo significa que na próxima semana podia mudar, fazer pressão para mudar. Eu digo, o que é isso? Então eu, como nós todos apoiávamos José Dirceu para ser o líder da bancada, me lancei candidato contra ele. Em função desse problema. Porque eu mesmo nunca tive interesse em liderança de bancada. Mas falei não... Então... Eu fui, ganhei a liderança. E a liderança foi ótimo. Nego achava que eu não ia gostar da liderança, que eu me cansava, que eu não queria saber daquelas coisas do parlamento. Não é verdade. Eu gosto das coisas do parlamento, sei fazer. Agora o problema é que... ficar parado não é do meu feitio. Então, quando fui líder, eu trabalhava de manhã à noite, era uma beleza. Eu tinha coisa que fazer, então gostei muito. Eu digo, se ser deputado fosse ser líder em todos os anos, eu iria ser deputado com prazer. Passei um ano ótimo. Além do que, também, ganhei o presidencialismo dentro do partido, contra o Lula, contra o José Dirceu, contra o Genoíno, contra o Mercadante; e depois ganhei na sociedade. E naquele momento diziam que eu era um horror, porque me aliei com Brizola e com Quéricia. Então aí o PT dizia não, que absurdo! E do canto dos aliancistas de hoje, não é. Mas eu me aliei sobre uma questão concreta, que era o presidencialismo. Nada mais natural. Pontual. Mesmo assim levei muita pancada. E Dirceu: “Não pode fazer essas alianças, alianças espúrias”. Eu digo: ah é? Quem te viu e quem te vê. Eu fiz, ganhei. Então, esse ano de 93 foi um ano muito animado para mim. Gostei. E realmente, você via que eu tinha um trabalho. Agora deixei de ser líder, no dia seguinte, eu não tinha o que fazer. Então essa estrutura do

parlamento tinha que ser modificada. Há coisas que estão lá, que seria importante fazer uma reforma de verdade. Primeiro, você tem... Isso é impossível. Nem adianta eu dizer. Você devia botar o número de deputados, ao máximo, de cento e cinqüenta deputados. É um absurdo ter quinhentas e cinqüenta pessoas lá. Segundo, você tem que agilizar o processo decisório, naquilo que se ache que o parlamento tem que fazer. Terceiro, você tem que mudar o funcionamento. Nós somos deputados, em tese, modernos. E muito criticados, por exemplo, esse negócio que a imprensa critica sistematicamente: não trabalham segunda nem sexta. Não é verdade. O problema de segunda e sexta, você tem que ver seus eleitores. E, freqüentemente, tem que ver sábado e domingo. Então eu ouvia crítica à gente, e eu chegava, às vezes, em casa para beijar minha filha; nesse período que eu passei lá, foi de seis para catorze anos. Eu beijava minha filha, vinha para a minha audiência popular, na sexta-feira, aqui na São José com Rio Branco, onde eu prestava conta do meu mandato, ia para o interior, voltava domingo à noite, minha filha estava dormindo, eu não via; na segunda, eu saía cedo, meu filho, também não via. Quer dizer, não tinha vida familiar. Trabalha sábado, trabalha domingo. Claro que não são todos. Mas você tem que ter uma relação com a base, hoje em dia; então, quando criticam e diz que você trabalha três dias, é, francamente, um negócio escandaloso. É o que eu dizia e sempre disse na rua. Eu não. Mas que tem um terço de deputados, realmente, que trabalha pouco. Mas não é o caso dos outros dois terços. Tem um terço, ao qual eu pertenci, que trabalhava exageradamente. O Adilson Mota, que é presidente do Tribunal de Contas, ele tem uma proposta que é muito melhor que isso que aprovaram aí agora, que era o seguinte: você trabalha vinte dias no mês, direto, em Brasília, e tem dez dias para ir para a sua base. Os deputados de Minas, o deputado do Pará, do Amazonas, o deputado do Pará, do PT, ele levava dez dias para chegar lá. Ele não tinha esse negócio de segunda e terça. Como é que ele vai prestar conta do mandato, ver o eleitor, que é uma exigência da deputação moderna? Então o Adilson, que era do PFL, deputado conservador mas uma pessoa absolutamente honesta, um deputado muito bom, e ele, no Tribunal de Contas, ele está indo muito bem. Rigoroso contra o governo, não dá colher de chá, o Adilson fez essa proposta, e acabava com o recesso parlamentar. Quer dizer, você só ia ter um mês de férias, como todo brasileiro tem. Acabava. E ao mesmo tempo não faz essa demagogia que fizeram agora na Câmara, de você trabalhar extra e não ser pago. Eu nunca admitiria isso. Todo mundo aplaude. Mas como? Eu cansei de estar na Câmara querendo tirar férias, porque trabalho feito um maluco o dia inteiro; aí, quando chega nas minhas férias, nego me

chama para convocação extraordinária. E ainda quer que eu não seja pago. Como é que pode ser? Quer dizer, só quem não tem... quem acha que não trabalha é que pode aceitar isso.

M.M. – É. Mas eu acho que tem essa visão a população, de que os parlamentares não...

V.P. – É. O Adilson resolve isso. Eu ia fazer escândalo. Porque, realmente, para você trabalhar... Eu gosto de banho de mar no Nordeste, gosto de passar as férias em Alagoas. Eu não podia. Eu não conseguia passar com a minha família o meu tempo de férias. Trabalho extra? Tem que me pagar. Sempre defendi isso. Eu não tenho... Então o Adilson o que é que fazia? Você tem um mês de férias garantido e tem seus dez dias para fazer trabalho político. Isso aí mudava muito.

A. F. – Essa coisa das audiências populares virou uma marca forte do teu mandato, particularmente.

V.P. – É. Era o mandato mas... E não é só a política. Que eu fazia agitação política. Eu já tenho um trabalho desde 83, pelo PT. Ninguém quis. Só fiquei eu e alguns companheiros. Quando eu fui eleito federal, eu digo, vou mudar. Porque, originalmente, eu criei aquilo para ser um balanço do mandato dos estaduais que nós tínhamos na época, que se recusavam. Então eu, quando fui, fiz o que achava que eles deviam ter feito. E então não presta só contas da ação política do PT. Eu prestava de tudo o que se passava na Câmara e prestava conta do que tinha feito. Eu dizia: olha, segunda-feira fiz isso, terça-feira fiz isso, quarta-feira fiz isso. O que às vezes era motivo de riso, porque eu chegava lá e dizia: terça-feira, eu não fiz nada. Aí nego: Oh! Mas... Mas eu estava lá. Eu compareci ao trabalho. O problema é que os vagabundos não votaram nada. Não é minha culpa. Mas é isso mesmo. Você vai para o plenário, não tem nada. Então o pessoal ia sabendo como funciona aquela coisa. Hoje, você tem a tevê direto, que mostra alguma coisa. Quer dizer, o cabra pode saber que segunda-feira, não vota nada, terça-feira, não vota nada, que o cara fala para um plenário vazio. Mas na minha época eu mostrava, o tempo inteiro, como é que é a vida de um deputado, então o pessoal sabia mais ou menos a vida de um deputado; do PT, naturalmente, como eu. E eu achava isso muito importante, para você não só tratar das grandes questões políticas mas mostrar como você é pago. E eu separo muito esses anos de política dos anos 80 dos meus anos de juventude. Agora, eu fui pago para fazer política. Não é a mesma coisa. Eu devo satisfações.

M.M. – Certamente. Deixa eu te perguntar uma coisa. Todo esse processo, depois dessas tentativas da nacional interferir na decisão estadual no Rio de Janeiro, impondo diretrizes que contrariavam os interesses ou as decisões tomadas aqui, por que é que impunha isso aqui? Isso não é comum nos outros estados.

V.P. – Não. Veja bem. Houve intervenção em mais de um estado. Não é verdade. É que o Rio é o mais...

M.M. – Mas aqui teve uma dimensão muito grande.

V.P. – É. Antes, não tinha isso. A primeira intervenção fizeram na Bahia, para obrigar o pessoal, se não me engano, a votar no Waldir Pires. Foi para votar no Waldir Pires?

A. F. – O contrário. Para evitar que o pessoal apoiasse.

V.P. – Foi para evitar que o pessoal apoiasse Waldir Pires. Então... O PT da Bahia, também, é muito peculiar. Eu me lembro que o PT da Bahia uma vez, eles apoiaram a moça do PC do B no segundo turno e depois não entraram no governo. Eu achei fantástico isso, viu. Alice. Foi um negócio extraordinário. Mas o que... E eles têm uma política geral. A meu ver, os companheiros de São Paulo –, isso é um fato, o estado mais importante do Brasil, quarenta por cento do PND da população, de sei lá o que de São Paulo hoje é... –, tem uma formação muito paulista, o núcleo principal de formação do PT, o movimento sindical do ABC, está lá, as principais lideranças de massa estavam lá. Algumas foram se afastando. Mas a principal liderança é o Lula. Então... E eles sempre consideraram São Paulo como o centro das coisas. Bom. O resto dos estados, eles consideram com certo desprezo. Então você vê, para eles, não conta muito. Eu vi que os paulistas (sempre) muito com políticas de aliança. E uma vez, eu conversei com eles, na Erundina, e eu digo... Fizeram um relato, e eu digo: e os outros partidos? Disseram que São Paulo não tinha outros partidos não. Digo: como não? Mas tinha. A Erundina ganhou e deu um cargo ao PCB, um cargo ao PC do B e ao PTB. Deu um cargo... o cargo que deu ao PCB foi um cemitério, gestão de um cemitério. Francamente. Uma coisa... Então... E eles sempre se acharam ali, porque o PT tinha muito peso, desde o início, lá, comparado com outros estados, então tem um certo comportamento assim, no geral. Mas eles já fizeram intervenção, ou fria ou quente. Por exemplo. Nunca houve intervenção formal no Rio. Eles fizeram intervenção aberta. Tomaram a decisão que obrigou o Rio a fazer aquilo; mas a direção continuou a mesma. Não houve intervenção no sentido formal.

Assim fizeram, por exemplo, quando a senadora Heloísa Helena pediu intervenção em Alagoas. A direção fez uma intervenção a favor dela numa eleição. Lá em Maceió, a senadora, ela perdeu na convenção do partido. Ela queria apoiar um candidato do PPS, e o partido tirou candidatura própria. E no segundo turno, o partido, em Maceió, decidiu não apoiar ninguém. Ela foi ao nacional, fez a intervenção, obrigaram a apoiar o PPS. E a senadora foi a maior defensora da candidatura do PPS. Então, por exemplo, houve uma intervenção. Houve essa da Bahia, houve em Pernambuco, com tons variados. Mas o estatuto, de fato, garantia a autonomia das seções regionais. Aquilo que foi feito formalmente, como foi feito no Rio, aqui, foi uma violência, porque não foi feito por convencimento, foi feito, realmente, uma intervenção.

M.M. – Pesada.

V.P. – Pesada. E acho que no caso do Rio há um elemento particular. Há um certo desencontro. Realmente acho que os companheiros de São Paulo não entendem muito a psicologia, a cultura do carioca. Por exemplo. Nós fomos a um desses congressos em que formaram a Articulação. Os aliados dos sindicalistas daqui éramos nós. Cidão, Neiva, eu e alguns sindicalistas como o Geraldo. E o pessoal da igreja: Wilson Farias, o... Mas como eles fizeram o negócio obreirista, quando a Articulação se faz aqui no Rio, eles desprezam os amigos deles, que eram, sobretudo, o Cid Benjamin, o Cidão, que era o presidente do partido, e juntam toda uma capa de sindicalistas; e, com isso, eles pegam todos os extremistas de esquerda, que entram na Situação. Quando se formam os 113 aqui, eles se formam com a extrema-esquerda; enquanto que nós combatíamos a extrema-esquerda aqui. Ficamos em outra posição. Os independentes... Não é à toa que o Rio de Janeiro está com mais independente do Brasil. Por quê? Porque aqui a Articulação não envolveu os independentes. Os independentes, em todo o Brasil, entraram para a Articulação. Porque, claro, quem não era de organização entrava para a Articulação. Aqui no Rio não, nós ficamos de fora. Então esse processo, nós chegamos lá na formação dos 113 e não tínhamos pago. O Neiva era o tesoureiro, não tínhamos pago o dinheiro lá. E o Weffort era secretário-geral; e não deixava a gente votar, não deixava a gente entrar lá no hotel. E fomos nos acumulando ali. E começa a... o que é que carioca faz? Conversar, contar sacanagem, e a rir, e a esculhambar. E aí começou a juntar, quarenta pessoas, cinquenta pessoas, lá no saguão do hotel. E o Weffort teve uma crise. Disse: “Vocês riem de quê? Não têm dinheiro, não vão votar, estão lascados,

sem influência política, riem de quê?” Dissemos, não... Eventualmente, rimos de nós mesmos, não é. [risos] Nós temos um espírito um pouco diferente deles. Então tem essa dificuldade. Weffort trouxe o Lula aqui, para essa reunião, e o Weffort queria que o Lula dirigisse a reunião. Eu era presidente do partido, não ia deixar. Mas eu só soube disso depois. Fizemos a reunião. Eu tinha feito um acordo com eles... Nossos deputados não pagavam ao partido e apoiaram o Saturnino. Então eles ficaram com medo que a gente expulsasse os deputados. Nós não íamos expulsar os deputados. Nós aproveitamos e dissemos: agora, os deputados não nos escapam, vamos fazer com que eles paguem. E aí... Isso me permitiu, como presidente do partido, fazer a reforma financeira do partido, montar a sede, ter condições de funcionabilidade do partido. O partido mudou. A Glorinha, tesoureira, fez um trabalho excelente. E o nosso partido passou a ter um... Porque começamos a cobrar deles e da nossa vereadora, que também não pagava. E eu botei isso como moeda de troca. E claro, tinha uns setores radicais lá que queriam expulsar. Mas não teve sucesso. Eles vieram aqui, nós dissemos as condições do acordo, fizemos um acordo com a direção nacional. Mas quando juntaram os três mil militantes lá na UERJ, eles não queriam ouvir os parlamentares. Não queriam ouvir. Vaiaram. E quem queria expulsão (). Mas aí nós fomos, com jeitinho, conversando com o pessoal aqui, ali... Não queriam deixar a Benedita falar. Aí eu consegui que a Benedita falasse. Fizemos um quadro. E depois votamos a proposta de resolução. O Lula fez um discurso muito bom; mas foi naquele dia em que ele disse que o Brizola pisaria no pescoço da própria mãe para ser presidente da República, então o... Agora depois, na mesa, o Weffort estava dizendo para o Lula para tomar a reunião, porque o pessoal não deixava a Benedita falar. E a empáfia de algumas figuras. Porque para ele... Não tem noção das coisas. Não só não havia necessidade como nós não permitiríamos. Pelo menos eu não permitiria uma coisa dessa. E eles tratam a gente assim. Eles acham a gente um pouco estranho. E somos, não é, diante da cultura deles e tal. Então tem muito disso. De modo que... Por outro lado, eles, aqui, sempre influenciaram muito a corrente deles. Nós somos independentes. Ou tínhamos campo. Uma vez fizemos o Refazendo. Esse era um campo. Juntava um bando de gente... Mas não tem centralismo. Ninguém manda. Se você não quer obedecer a resolução daquele coletivo você não obedece. E eles têm. Então, o pessoal deles aqui tinha posições melhores mas era obrigado a aceitar o que São Paulo mandava. Isso criou uma série de problemas. Ao longo dos anos 90, isso foi piorando, porque o Lula ganhou o apoio do Brizola no segundo turno em 89 e quis retribuir. Nós não éramos contra. Nós

éramos a favor de apoiar o PDT sempre, aqui, no segundo turno; mas não no primeiro. Então isso foi avançando, com mais dificuldade, e em 98... Em 94 o Bittar já não atacou o PDT, por orientação da nacional, e em 98, fizeram a coligação, chegaram ao Garotinho. E não compreende o Rio, não... Vou lhe contar uma história que é magnífica. Quando eu cheguei lá em 90, o (Reis) estava uma arara comigo...

M.M. – Quem?

V.P. – O pessoal da Articulação, em São Paulo, porque eu não tinha feito o acordo com Brizola. Eu sempre me dei muito bem com o PDT. Eu tinha muitos amigos. Eu sempre me dei muito bem com os federais do PDT. Eu estou lá, o Mercadante: “Vladimir. Vocês são sectários, não sabem trabalhar. Vamos mostrar aqui como trabalhar com os companheiros do PDT.” Tudo bem. Elegemos o Genoíno o líder. 91, não é, que em 90 foi a eleição. Seis meses depois, o Mercante me procura, diz assim: “Como é que você tolera esses caras do PDT. São uns...” Aí ele esculhambou. (Você não vai publicar isso, naturalmente, sobretudo em ano eleitoral, porque o Mercadante foi candidato).

M.M. – Não. Deixa eu explicar uma porção de coisas que você não quis que explicasse.

V.P. – Aí o Mercadante disse assim: “Como é que você agüenta? São uns trogloditas, ultrapassados, dinossauros.” Eu digo: “Mas Mercadante...” Mercadante: “Temos que romper com esses caras.” Eu digo: “Mas nunca. Você está maluco, Mercadante? Nós temos que ter coligação com o PDT em escala nacional. Não podemos dispensar.” E mantivemos. E durante a minha liderança, foi o período que mais soube lidar com o PDT na Câmara Federal. Mas ele não compreende que a gente não apóie o Brizola e no entanto se dê bem com o PDT, compreenda que o PDT seja diferente, mas tenha um diálogo. Então na Câmara, nunca tive problema com o PDT. E quando foi líder... Nunca tive problema... Claro que tem problema, no sentido de que tem pepino para você resolver. Mas eu nunca tive problema em lidar com esses pepinos. E ele não suportava. A partir de 90, ele tinha horror ao PDT. Horror. E começaram a se afastar. Tanto que 94 seguiram caminhos diferentes. Mas quando o Lula começou querer fazer uma política de aliança, voltou esse negócio com o PDT. E em 98 eles decidiram... Lula não é o PT, porque o Lula tem lá. Mas o pessoal do PT de São Paulo não suporta o PDT. Eu acho que tem essa diferença.

M.M. – É. Pois é. Mas com Minas a relação é menos complicada, é menos interventiva.

V.P. – Porque nunca houve oposição lá. É fácil. A Articulação ganha sempre. E a Articulação é meio que nacional porque eles consultam o Lula e tudo antes. E eu não acho errado, em tese, fazer isso, não. O Lula é a liderança nacional. Você tem uma eleição para presidente da República, é natural que se consulte. O que não quer dizer que se aceite tudo. Mas, lá em Minas, eles aceitam. Eles sempre dirigiram as reuniões do PT. Era o Carlão que dirigia a maior parte das reuniões do PT. É homem de confiança do Lula. Está lá o Dulci e tal, Nilmar, tudo pessoas de confiança do Lula. De forma que não tem problema. Tem problema o Rio Grande do Sul. Mas o Rio Grande do Sul, sem o Brizola, o PDT caiu mais rápido, porque o governo daquele rapaz, do...

A. F. – Do Collares.

V.P. – Do Collares, foi muito ruim. Então... O PT fez boa prefeitura, fez uma administração muito boa; o pessoal do Sul é muito bom, são quadros excepcionais, fizeram aquele trabalho belíssimo lá no Rio Grande do Sul, então ficou mais difícil para eles brigarem com os gaúchos. Agora conosco não, porque nós não ganhamos nada aqui. A prefeitura esteve ao nosso alcance em 92 mas não saiu. A Benedita perdeu no segundo turno, nós perdemos no segundo turno, então fica mais fácil para eles. Mas em geral... Porque eles têm a maioria, eles aí vão implantando. Aí não tem problema. Por isso. Muito intervencionista.

M.M. – É. O fato de o PT não ter conquistado alguns espaços eleitorais aqui facilitou essa intervenção.

V.P. – Claro. Você vê. Em 92 a Bené ganha contra o Brizola, aí vai para o segundo turno, perde para a direita. E em 94 eles não querem que faça, era o Brizola. Não tem condição. Há eleições que não dá certo. Aquela eleição, com essa orientação, ninguém podia avançar, nem Bittar nem ninguém. Bittar estava prejudicado porque o Marcelo tinha um grande apoio da classe média. O Bittar tinha que avançar com o cara da classe média, então ele não tinha espaço para crescer naquela eleição. Foi um erro considerável. Se o Lula queria voto no primeiro turno devia ter posto a Benedita. Não ganhava. Mas ia para o segundo turno. Agora eles não consultam isso. E eu cheguei para eles e disse: “Olha. Vocês querem algum candidato?” Para o Lula. “Algum candidato?” Nos reunimos lá, ele disse: “Não, Vladimir.” “Porque estão enchendo do saco. O Bittar não quer, Benedita não quer, vai sobrar para mim. Eu, não tem hipótese. Preciso de tempo para construir uma candidatura”. Mas quando o processo avança, aí, eles mudam as orientações deles lá, e aí acham que a candidatura tem

que ser diferente. Então fica difícil. Mas aqui houve erro. Estou convencido de que o Bittar, em 92, tinha ganho a prefeitura para a gente. Mas o Bittar não quis em 92. *Timing* político é um processo muito sério. O Bittar tinha a eleição ganha em 92. Não foi. Aí quis ir em 94. Perdeu. A Benedita teria, talvez, ganho em 94. Mas foi em 92. E a circunstância... Eu me divirto porque, eu estive com o César Maia, que sempre foi um estudioso em pesquisa e tal –, e naquela altura, em 93, inclusive, eu estava já usando pesquisa qualitativa, na campanha do presidencialismo, nós fazíamos as qualitativas – e o César, três dias antes, eu encontrei com ele, disse: “Ô César, e aí?” Ele disse: “Olha. Se a Benedita continuar a crescer eu ganho.” [ri] O nosso pessoal não tinha estratégia. Estava deslumbrado com o crescimento da Benedita. Uma campanha notável, aliás, fantástica, de apoio popular. E a Benedita não o que... se crescesse mais ia botar o César Maia. Todo mundo, naquele momento, derrotaria o candidato do Brizola no segundo turno. Mas a Bené crescia com a queda da Cidinha. E não teve um certo equilíbrio e tal. E o César Maia, três dias antes, estava com treze por cento; a Cidinha, com dezoito. Três dias depois, ele estava com dezoito e a Cidinha com treze, porque a Bené roia o eleitorado da... E a direita decidiu votar no César Maia porque viu que ele tinha uma chance de chegar no segundo turno. Pronto. No segundo turno, Marcelo Alencar apoiou o César. Tinha muito prestígio o Marcelo. Que ficou neutro, porque não apoiou a Cidinha mas não apoiou ninguém no primeiro turno. No segundo turno o Marcelo apoiou César. E teve esse fenômeno: a Benedita teve menos votos na Zona Oeste no segundo turno do que no primeiro. Que é uma coisa rara você ver isso. Por quê? Porque Marcelo garantiu a eleição do César. Então essas coisas (tais existem.) Tem coisa em política... Essa última eleição municipal no Rio de Janeiro. O Bittar foi candidato e perdeu. Qualquer um perdia. Tem eleição que não dá jeito. Aí faz crítica ao Bittar. Mas, dessa vez, injustas. O Bittar não merece nenhuma crítica, para ele assim. Qualquer um perdia. Não tinha jeito. Era uma eleição que, desde o início, você viu que César Maia tinha ganho.

M.M. – É. César Maia estava muito bem posicionado.

V.P. – Aquele negócio da... (). Candidato César Maia. Não tinha jeito. Então... Enfim. Às vezes é isso, você faz tudo certinho e não ganha.

A. F. – Vladimir, como é que você vê o PT hoje, depois da crise política?

M.M. – Mas você se afastou muito tempo.

V.P. – Mas o PT, eu já disse... Não. Eu sempre militei no PT. Eu não militei em quadros, em organismos dirigentes, mas eu sempre estive no PT, sempre estive participando. Participei da campanha do Chico, fui eu que indiquei o Chico para a candidatura de 96, em 98 eu fui o candidato, em 2000 disputei prévia. Então não é um negócio assim. Esse é um dos mitos que circula, que eu me afastei. Porque não tive cargo, não quis ser deputado. Mas de resto não, sempre estive presente no PT. Agora, o PT hoje é o seguinte. Eu disse, para estupor dos esquerdistas do PT, o PT hoje é um partido trabalhista moderno; o PT se aproxima do antigo PTB modernizado. O PT não é de esquerda, o PT não é um partido socialista. É um retrato. Eu não digo isso fazendo julgamento de valor, porque, embora eu seja socialista, estou no PT. Não é isso. Mas já nos anos 80, o pessoal esquerdista, o Ciro, meu amigo Ciro Garcia, Ciro dizia: “Vladimir, o PT está se socialdemocratizando.” Eu disse: “Está maluco, Ciro. O PT já é social democrata.” Sem nenhum... Vocês estão vendo... Então o pessoal ficava achando, acreditava na própria imaginação. O PT era um partido estilo social democrata. Estilo. E nos anos 90, com a ascendência, inclusive, do Lula, ele se transforma mais num partido estilo PTB, com uma liderança carismática, que acima o partido, e um partido que não é de reformas, é um partido dos pobres. Então, hoje, o governo do Lula, que eu acho o melhor governo dos últimos cinquenta anos, mas é um governo convencional. Um governo convencional. E é um governo que faz o quê? Governa prioritariamente para os pobres. Mas não passa disso. Não é um governo socialista. O PT não é um partido socialista. E eu acho que o PT é o grande canal do movimento popular, ainda hoje. Você tem partido que (em tese), partidos de extrema-esquerda: o próprio PC do B está aí, o PCB, você pode até se referir ao PPS, mas na verdade não tem nenhum. O canal de expressão dos movimentos populares é o PT. Por isso o Sem-Terra o apóia. O Sem-Terra não tem as posições do Lula, o Sem-Terra não tem as posições do PT, mas eles apóiam o PT, por quê? Porque o PT...

M.M. – É o mais próximo.

V.P. – Ou até como expressão social. Então é a expressão, ainda que não a mais adequada, hoje em dia, desses movimentos. Então o PT é esse canal do movimento organizado com a sociedade. Eu, conversando sobre isso com companheiro do PSOL, eu dizia para ele, nós precisaríamos de um partido de esquerda institucional. O problema da sociedade brasileira é que ela só permite ou um partido de esquerda ou um partido

institucional; mas não um partido de esquerda institucional. E isso, pelas condições de vida política, pelo comportamento eleitoral...

M.M. – Explica isso melhor.

V.P. – O partido de esquerda não tem voto, nem estrutura, então não vai ter vida real, institucional. É o que está acontecendo, por exemplo, com o PSTU. Esse é um partido de esquerda. Tinha alguma influência sindical. Quinze anos de PSTU, o PSTU fracassou. Perdeu terreno no movimento sindical. Um partido ideológico não consegue prosperar, ele consegue ser um partido de esquerda, uma seita, assim como os trotskistas foram na travessia do deserto, nos anos duros, lá na Europa e tal. O que é que acontece? Não há vida política partidária fora do institucional. Então você tem que ter força, tem que ter lideranças eleitorais, você tem que ter condições de disputa, você tem que ter visibilidade para a população. Então, a curto prazo, não é possível um partido de esquerda se institucionalizar. Você tem que fazer um projeto para vinte, vinte e cinco anos, não pode fazer um projeto para... Então, o que é que acontece? Veja o PSOL. O PSOL é o que eu chamo o PT ao cubo. Porque, rapidamente, ele está se institucionalizando. E eu dizia para ele, não cabe os dois. E eles fizeram a opção de fazer um partido de esquerda; que, rapidamente, se transformou num partido institucional. Qual é o centro dos artigos do Milton Temer? *(Toca um telefone)*

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

V.P. – Depois de tudo o que eu falei, se não sair, não vai ter segunda chance.

M.M. – Eu gosto de trazer o gravador convencional. Mas hoje, a gente se atrasou lá no CPDOC, eu acabei...

V.P. – Mas você vê então, o que é que fez o PSOL? Criou essa coisa escandalosa que é da filiação democrática. O que é a filiação democrática no PSOL? É o seguinte. O cabra entra no PSOL, pode ser candidato a deputado mas não precisa defender nem o programa nem o estatuto do PSOL. Ora. Isso é a negação...

M.M. – Então é um ônibus, que entra qualquer um.

V.P. – Claro. É a negação de um partido de esquerda. Eu admitia até que o PSTU, que já é um partido consolidado embora estreito, pouco influente, (em tese, todo mundo sabe que

o PSTU é o PSTU, enfim) dissesse: nessa crise, eu vou dar a legenda para alguns companheiros que não são do PSTU mas que vão fazer aqui...

M.M. – Ter um compromisso com alguns pontos...

V.P. – Para isso e tal, nessa transição deles. Mas se o partido se apresenta pela primeira vez à opinião pública como partido e admite que suas principais lideranças nem apóie o programa nem o estatuto, eu fico chocado. Segundo. Você ler nos artigos do Milton Temer, todos eles falam da Heloísa Helena. Todos. A vida do PSOL é centrada na visão da Heloísa Helena. Quer dizer, um Lula de saia, sem o ABC.

M.M. – E sem a estrada do Lula.

V.P. – Absolutamente. Veja bem. O Lula tem poder demais no PT, é verdade; mas ele teve o poder graças ao autêntico (ao intenso) movimento social; e fora do Planalto. A Heloísa Helena é uma bela figura, mas ela não tem essa representação.

M.M. – Não. E não tem esse movimento social por trás.

V.P. – Tem as qualidades eleitorais e tal. Então você vê, o Milton Temer só fala o seguinte. O principal num país é a presidência da República. É Heloísa Helena, é Heloísa Helena. Quer dizer, um partido de esquerda começar assim, ainda mais centralizado numa figura carismática, como ela é, não parece ser um aprendizado sobre os erros do PT. E começaram a ampliar desse tipo. E ampliaram mais no PDT, no Rio Grande do Sul, trouxeram mais gente, ampliaram bastante as concepções de política de aliança; tanto que estão negociando com o PDT a aliança nacional. E eu diria que é até divertidíssimo ver, por exemplo, os meus companheiros aqui de Niterói, o nosso vereador, o Paulo, apoiando Jorge Roberto para candidato a governo do estado. Isso é fantástico. Porque arrasavam o PT porque o PT coligava com o PDT lá em Niterói. Mas no geral, eles sempre disseram, o PDT é um partido burguês. Quem defendia coligar com um partido (expressivo) éramos nós. Nós não queríamos apoiar o candidato do PDT; mas, se o PDT nos apoiasse, nós aceitávamos. Agora... Eles não. Partido burguês. Então... Eu tenho a impressão... Por isso eu digo, o PSOL é o PT ao cubo: uma liderança carismática, tem influência decisiva, abriu, um partido que abriga diferentes tendências já, tem sete tendências trotskistas, além disso abriu, de uma forma ampla, para quem não concorda com o programa e com o estatuto; quer dizer, está fazendo opção institucional, para manter seus deputados. Eu quando conversei com a

Luciana Genro, que eu gosto muito, tenho uma excelente relação e admiro, eu dizia: “Luciana. Quer dizer que vocês vão ser candidato ao governo.” “Não. Vamos manter nosso mandato.” Então o institucional pesa aí também. Quer dizer, a rigor, ela, o Baba, que eram os federais, e mais a Heloísa deviam ser candidatos todos a cargos majoritários, deviam ser candidatos ao governo. Mas não, decidiu manter o mandato. Não é questão individual da Genro, é uma questão de opção deles. Quando a opção para construção a longo prazo teria que serem governadores. Então, em vez de serem de esquerda, estão preferindo ser institucionais, manter o cargo de deputado. Esse é o drama que se vive. Então, nada à esquerda do PT vai se formar sem sacrifício; só vai se formar quando você tiver uma concepção mais a longo prazo de fazer política. Se não, fiquem no PT, porque o PT é um grande canal institucional. Se é para fazer um partido institucional, o PT serve, perfeitamente. Primeiro, tem um governo que é muito bom do ponto de vista convencional e é uma força institucional contra a direita. Eu não tenho dúvida que a eleição desse ano, em 2006, é uma eleição entre as conquistas que o governo do PT conseguiu, do Lula (que é um governo de coalizão, não se pode dizer que seja um governo do PT) e a volta ao neoliberalismo. Há, aqui, ali, elementos de neoliberalismo que você possa ver? Há. Depois de uma análise muito criteriosa, você pode achar. Mas o governo do Lula não é um governo neoliberal. Fernando Henrique privatizou. O Lula, praticamente, não privatizou nada. Aqui, ali, você pode fazer uma observação mais apurada e dizer que ele privatizou demais, em tese. Mas não dá para comparar. Depois, você pega a política social, (o Lula repete isso hoje) ele saltou de oito bilhões para vinte e cinco bilhões o investimento social. Triplicou. Quer dizer, a política econômica do Lula é uma política muito melhor, porque ela, sistematicamente, deu superávit primário, que é uma coisa que os tucanos e os pefelistas sempre disseram que queriam...

M.M. – Queriam. E nunca conseguiram.

V.P. – Nunca conseguiram fazer, de forma sistemática. Conseguiram aqui ou ali, num ano e tal, nunca conseguiram de forma sistemática. Embora, realmente, a política monetária do governo Lula seja muito ruim. Está melhorando agora porque o Lula mandou baixar os juros. A política monetária é ruim. Esses caras do Banco Central são malucos e eles são fanáticos pelo juro alto, porque eles não fazem como o americano. Como é que fazia o americano lá do Banco Central? A economia vai bem, ele começa a botar o juro um pouquinho mais alto ali, para controlar; a economia vai mal, ele baixa a taxa de juro

estupidamente, para a economia crescer. Não que isso tenha um efeito direto, como a gente pensa. O leigo pensa, lendo jornal, que... Não é assim. Mas enfim. Mas tem uma política, tem uma lógica concreta. Aqui não. Aqui, o juro alto é quase que uma ideologia dos meninos do Banco Central. Então prejudica. Mas mesmo assim o Brasil cresceu pouco em relação a outros países, mas cresceu de forma equilibrada. O Brasil tem saldo na balança comercial, tem superávit primário, tem crescimento do emprego, e do emprego de carteira assinada, e tem o maior programa social do planeta de distribuição de renda. Pela primeira vez em vinte e três anos caiu o índice de GINE, o índice de concentração de renda. Vinte e três anos. Não pode ser que seja de acaso. Então, quando eu vejo o pessoal mais à esquerda ridicularizar os avanços do governo Lula, eu me divirto, porque... Por exemplo, em 94, Cesinha Benjamin, meu querido amigo, e crítico, hoje, do governo, mas o Cesinha, em 94, fez um programa da candidatura Lula, era programa de quê? Trazer os pobres para o mercado, para criar um mercado de massas. Não é outra coisa que o Lula está fazendo agora. Você tem o resultado, *O Globo*, há quinze dias, publicou como os pobres entraram no mercado. Depois, (você está vendo que o sujeito quando...) é, geralmente, pequena e microempresas. Então é uma obra que está se fazendo, que está longe de ter... É convencional, é verdade, convencional. Mas esse convencional... é vinte e três anos, minha gente, que não cai a concentração de renda. Como é que é possível subestimar uma coisa dessa? Então está crescendo, crescendo de forma equilibrada. É muito difícil de achar no mundo um país como o Brasil, que cresça e tenha saldo na balança comercial e tenha superávit primário e tenha emprego, porque, freqüentemente, você está tendo crescimento sem emprego; ou então você tem crescimento com inflação; ou tem crescimento com déficit na balança comercial, que é a coisa mais comum, é: quando você cresce a economia, você tem um déficit na balança comercial porque passa a comprar mais matéria-prima e máquinas. Então... E nós estamos conseguindo fazer milagre. Claro que com um pouco de sorte, que ninguém é besta de achar que tudo aí é ciência. Com um pouco de sorte. Uma conjuntura internacional favorável. Evidente que há fatores. Mas o fato é que está se conseguindo. Aumento do saldo comercial, um saldo brutal, de quarenta e dois bilhões de dólares, com a moeda alta, o real alto, supervalorizado. Isso é notável. Isso mostra duas coisas: primeiro, que o preço das *commodities* cresceu; mas de outro, há um ganho da produtividade; e hoje está comprovado que é um ganho do valor incorporado, o Brasil está exportando coisas que carregam mais valor acrescentado. Isso é importante. Isso altera a pauta de exportações. Não é o ideal, não é de um país desenvolvido,

mas é um passo nessa direção. Então acho que isso é um conjunto. Nas condições do Brasil, do mundo de hoje, é um governo muito bom. Muito bom. Embora convencional. E além disso, hoje, o Brasil joga um papel internacional notável. Quer dizer, não só por que conseguiu redesenhar acordos de economia, acordos comerciais, como o negócio da queda dos subsídios agrícolas, na Organização Mundial do Comércio, como virou a trincheira para a criação de diferentes governos de esquerda; e ao mesmo tempo um elemento que abafa a ALCA, quer dizer, o interesse dos americanos, e ao mesmo tempo você (precisa) mediação dos americanos com os outros governos de esquerda como o da Venezuela. Então o Brasil retomou uma posição de liderança na cena internacional. Isso é muito importante. Um país com essa dimensão, é natural que ele possa ter uma certa liderança. E o Brasil está afirmando isso. O Fernando Henrique era muito querido por seus dotes intelectuais e culturais, não é? Então ele tinha prestígio. Hoje, quem tem prestígio é o Brasil, (não é a mesma coisa) é o governo do Lula. Quando era o Fernando Henrique, era o presidente que tinha prestígio. Eu acho que é uma mudança. Isso, acho que é isso. É um PTB moderno. Não vai fazer transformações de ordem socialista, não é sequer um partido de reformas, mas, dentro do cenário político como ele se desenha hoje, é a alternativa que o movimento popular tem. Além do (papismo).

M.M. – Está bom. Obrigada.

A. F. – Obrigado.

[FINAL DO DEPOIMENTO¹]

¹ Baixa qualidade de gravação.